

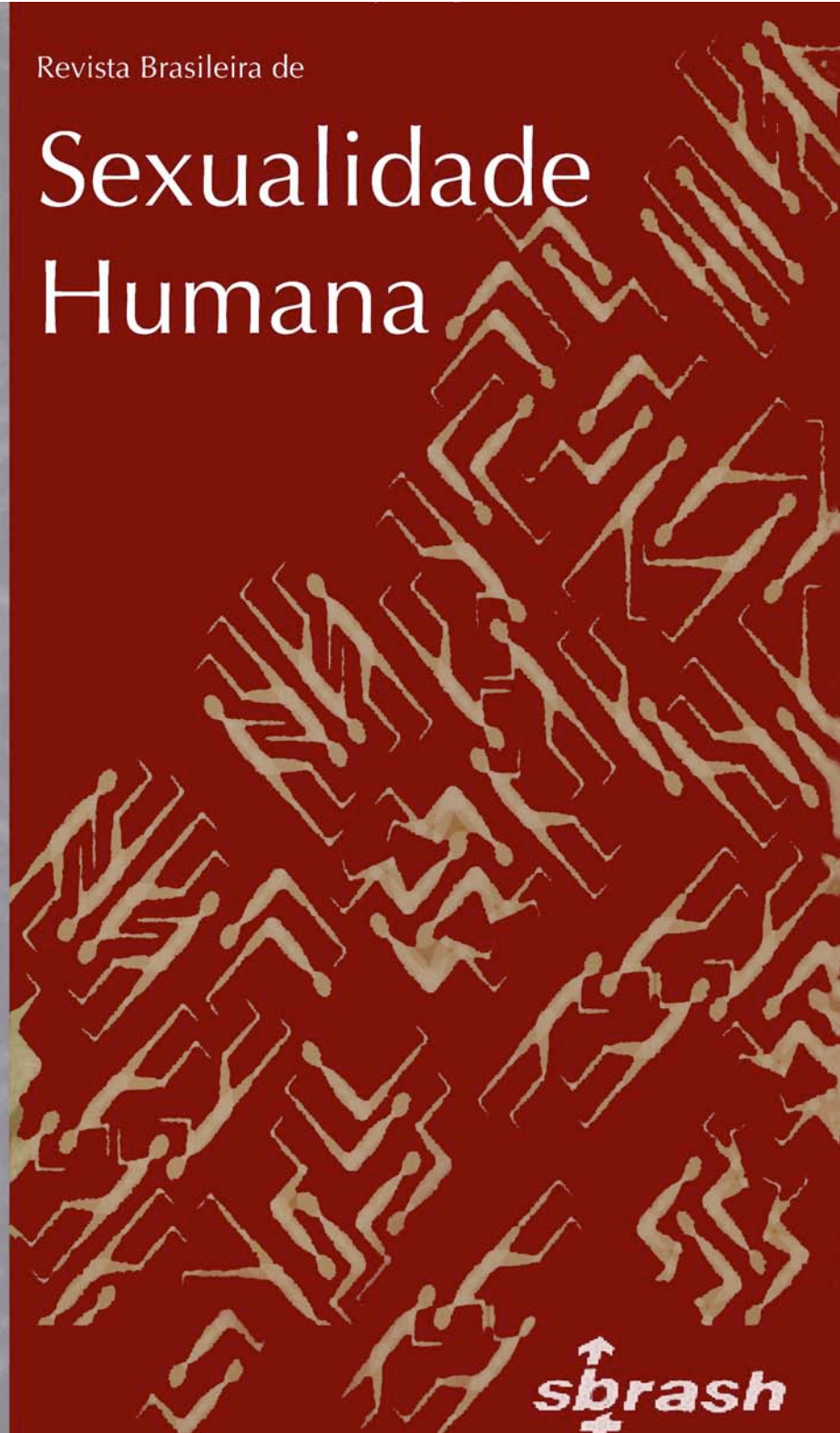
Revista Brasileira de

Sexualidade Humana

Volume 19 – Número 1 – Janeiro a Junho de 2008

Revista Brasileira de

# Sexualidade Humana



 **sbrash**

Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade humana

**REVISTA BRASILEIRA  
DE SEXUALIDADE HUMANA**

# **REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA**

**Volume 19 – Número 1 – Janeiro a Junho de 2008  
SBRASH – Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana  
Edição SBRASH - Rio de Janeiro – RJ/ São Paulo – SP**



**SBRASH Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana**

**Diretoria eleita da SBRASH para o Biênio 2007/2009**

**PRESIDENTE:** Paulo Roberto Bastos Canella (RJ)

**VICE-PRESEIDENTE:** Jorge Jose Serapião (RJ)

**SECRETÁRIO GERAL:** Maria do Carmo Andrade Silva (RJ) (demissionária)

**TESOUREIRO:** Maria Luíza Macedo de Araújo (RJ)

**DIRETORIA DE PUBLICAÇÕES:** Ana Cristina Canosa Gonçalves (SP)

**DIRETORIA DE RELACIONAMENTO COM OS ASSOCIADOS:** Raquel Simone Varaschini (PR)

**DIRETORIA DE CERTIFICAÇÃO DE TITULAÇÃO:** Tereza Cristina Fagundes (BA)

**Conselho Deliberativo – Biênio 2007/2009 Comitê Científico – Biênio 2005/2007**

Oswaldo Martins Rodrigues Jr (SP)

Jaqueline Brendler (RS)

Márcio Ruiz Shiavo (RJ)

Pedro Jurberg (RJ)

Marize Bezerra (RJ)

Ricardo da Cunha Cavalcanti (BA)

Maria do Amparo Rocha Caridade (PE)

**REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA**

Órgão Oficial de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH)

**EDITORA GERAL:** Ana Cristina Canosa Gonçalves (SP)

**EDITOR ASSISTENTE:** Paulo Roberto Bastos Canella (RJ)

**INDEX ISSN 0103-6122** Periódico indexado em: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP – São Paulo/Brasil)

**Conselho Editorial da Revista Brasileira de Sexualidade Humana**

Tereza Cristina Fagundes (BA) – UFBA

Maria Alves de Toledo Bruns (SP) – USP

Maria Virginia Grassi (PR) – UFPR

Paulo Rennes Marçal Ribeiro (SP) – UNESP

Fernando Teixeira (SP) – UNESP

Sonia Mello (SC) – UDESC

Pedro Junberg (RJ) – UGF

Mary Neide D. Figueiredo (PR) – UEL

Mauro Cherobim (SP) – UNESP

Elucir Gir (SP) – USPPR

Marcelo A. Tonietle (SP) – USP

João Benévolo (RN) – UFRN

**REDAÇÃO E ENVIO DE ORIGINAIS**

A/C Editora Geral: Ana Cristina Canosa Gonçalves Rua Comendador João Gabriel, 67 04052-080 Mirandópolis - São Paulo, SP.

**PROJETO GRÁFICO E CAPA**

Comunicarte - Agencia de Responsabilidade Social

Av das Américas 1155/1506 – CEP 22631 020 Rio de Janeiro RJ - telfax 21 2494 2886

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

Edição SBRASH – [www.sbras.org.br](http://www.sbras.org.br) -Rio de Janeiro RJ

**EDIÇÃO ELETRONICA**

Tuttare Filmes - Pr. Pio XI 116/204 cep 22461 080 - Rio de Janeiro RJ - Tel. 21 22866906

# **REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA**

Volume 19 – Número 1  
Janeiro a Junho de 2008

## SUMÁRIO

<b>NORMAS PARA PUBLICAÇÃO</b> .....	7
<b>EDITORIAL</b> .....	15
<b>TRABALHOS DE PESQUISAS</b>	
O ORGASMO NA VIDA SEXUAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA .....	18
ORGASM IN SEXUAL LIFE OF THE CONTEMPORARY WOMAN	
Keila Eloisa Machado Santos Prata Carlos Alberto Dias	
FANTASIAS SEXUAIS – UMA PESQUISA COM UNIVERSITÁRIOS DA .....	33
ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO	
SEXUAL FANTASIES – A STUDY OF STUDENTS OF THE NORTH ZONE OF RIO DE JANEIRO	
Diva Cristina de Paula Portella Helena Theodoro Lopes	
<b>ARTIGOS OPINATIVOS E DE REVISÃO</b>	
RELATIVIZANDO O SADOSOQUISMO PARA UMA NOVA ABORDAGEM. ..	51
SEXOLÓGICA	
REVIEWING THE CONCEPT OF SANDOMASOCHISM FOR A NEW SEXOLOGICAL APPROACH.	
Fernando Luiz Cardoso	
REDUÇÃO DO DESEJO SEXUAL: TRÊS ENFOQUES PARA UMA .....	74
REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRÁTICA CLÍNICA	
REDUCTION IN SEXUAL DESIRE: THREE APPROACHES FOR A CRITICAL EVALUATION OF THE CLINICAL PRACTICE	
Daniela Aiello D’alkimin	
<b>RESENHA DE LIVRO</b>	
. <b>Oficinas sobre Sexualidade e Gênero</b> . Salvador: Helvécia, 2007 .....	87
FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho; BARBOSA, Maria Paquelet Moreira e . Ângela Maria Freire de Lima e souza	
Atualize-se filie-se .....	89

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

A Revista Brasileira de Sexualidade Humana (R.B.S.H.), órgão oficial de divulgação da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, é uma publicação semestral a ser distribuída aos associados da SBRASH, é vendida por assinatura ou em números avulsos. RBSH visa a divulgação de trabalhos cujo objeto de estudo seja qualquer das facetas da sexualidade humana. Os textos a serem publicados devem ser trabalhos originais e seguir as Normas da Revista, baseadas nas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação (NBR 10520, 2002 - *em vigor*) e Informação e documentação Referências – Elaboração (NBR 6023, 2002, *em vigor*). Os artigos serão submetidos ao conselho editorial da revista e aprovados para publicação

### **Para submeter um artigo:**

1- Os originais deverão ser encaminhados em três vias digitadas, em espaço duplo, configuradas no programa Word for Windows 5.0, 6.0 ou 97 (Microsoft), não excedendo vinte páginas (entre 21 mil a 28 mil caracteres), acompanhados de uma cópia em disquete de 3,5” ou CD, dentro das seguintes seções:

- a) Artigos opinativos ou de atualização.
- b) Trabalhos de Pesquisa.
- c) Estudos de caso. Devem conter referências de um caso
- d) Resenha de Livros
- e) Resenha de Teses e Dissertações
- f) Entrevista
- g) Tópicos

2- Todos os textos devem ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo não fere as normas éticas da profissão e abrindo mão dos direitos autorais em favor da Revista. As opiniões expressas pelo autor são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, obrigatoriamente, a opinião dos editores.

3- Os autores serão comunicados imediatamente sobre o recebimento do original pelo Conselho Editorial.

4- A apresentação das Resenhas de Livros e Resenhas de Teses e Dissertações devem ter texto com dimensão variável entre três e cinco páginas (4.200 a 7.000 caracteres), contendo o registro e a crítica das obras, livros e teses, publicadas recentemente.

5- Tópicos é seção reservada a manifestações do corpo editorial da revista.

6- A apresentação dos textos nas categorias: Artigos Opinativos, Trabalhos de Pesquisa e Estudos de Caso, devem seguir a seguinte ordem:

### **Folha de Rosto Identificada:**

- 1-Título em português e em inglês (máximo de quinze palavras);
- 2-Título abreviado para cabeçalho (máximo de cinco palavras);
- 3-Nome de cada um dos autores, seguido da afiliação institucional de cada um;
- 4-Endereço completo para correspondência com o Corpo Editorial, telefone, fax e e-mail do autor.



### **Folha de Rosto sem Identificação:**

- 1-Título em português e em inglês;
- 2-Título abreviado para cabeçalho.

### **Resumos:**

- 1-Resumo, em português, com até 150 palavras;
- 2-Palavras-chave, em português (de 3 a 5);
- 3-Abstract em inglês (tradução do resumo);
- 4-Key words (tradução das palavras-chave).

### **Texto:**

Esta parte deve começar em nova página, numerada como página três (3) ou quatro (4) com título centrado no topo da mesma. Cada página subsequente deve ser numerada. Não inicie uma nova página a cada subtítulo. Separe-os usando uma linha em branco. Quando o artigo for um relato de pesquisa, o texto deverá apresentar, além das páginas de Rosto e Resumos, Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusões e Referências bibliográficas. Se necessário outros subtítulos podem ser acrescentados. Em alguns pode ser conveniente apresentar resultados e discussão juntos, embora essa estratégia não seja recomendável como regra geral. Utilize o mínimo de notas. Quando realmente indispensáveis, devem ser indicadas por algarismos arábicos no texto e listadas, após as referências, em página separada, intitulada “Notas”. Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas, que deverão ser apresentadas em anexo. Observe as normas de citação: Sistema autor-data, sendo a indicação da fonte feita pelo sobrenome do autor ou pelo nome de cada entidade responsável, seguido da data de publicação, do documento e da(s) página(s) da citação. A citação literal de um texto precisa estar entre aspas e exige a referência ao número da página do trabalho de onde foi copiada. As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação na primeira vez em que forem citados em cada parágrafo. Todas as citações secundárias devem informar as referências originais. Evite utilizar citações secundárias, especialmente quando o original pode ser recuperado com facilidade. Citações de obras antigas e reeditadas devem trazer a data de publicação original/ data de publicação consultada. O sobrenome dos dois autores de um mesmo artigo devem ser citados sempre que o artigo for referido; já artigos escritos por três a cinco autores, os mesmos devem ser citados na primeira referência; da segunda referência em diante utilize sobrenome do primeiro autor seguido de et al. e da data, se for a primeira citação no parágrafo. Cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de et al. e data para os artigos escritos por seis ou mais autores: Porém, na seção de Referências, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados. As referências abreviadas Id. (Idem - mesmo autor); Ibid. (Ibidem – na mesma obra); op.cit (Opus citatum – obra citada), dentre outras, só podem ser usadas na mesma página ou folha da citação a que se referem, seguidas da data e página referente ao autor ou obra citada, entre parênteses: (Ibid., 1999, p. 6).

### **Alguns exemplos de citação no texto:**

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular.” (LOPES, 2000, p. 225)

Diversos autores salientam a importância do “acontecimento desencadeador” no início de um processo de aprendizagem (CROSS, 1984; KNOX, 1986; MEZIROW, 1991).

Bobbio (1995, p.30) com muita propriedade nos lembra, ao comentar essa situação, que os “juristas medievais [...] de Sacro Império Romano.”

Merriam e Caffarella (1991) observam que a localização de recursos tem um papel crucial no processo de aprendizagem autodirigida.

De fato, semelhante equacionamento do problema conteria o risco de se considerar a literatura [...], para a teologia (JOSSUA; METZ, 1976, p.3).

Para Freud (1915-1974), mesmo que a relação mãe-bebê se expresse [...] dos primeiros contatos corporais, e eternamente insatisfeito.

Segundo Silva (1983 apud ABREU, 1999, p.3) diz ser [...].

“[...] o viés organicista da burocracia estatal e o antiliberalismo da cultura política de 1937, preservado de modo encapuçado na Carta de 1946.” (VIANNA, 1986, p. 172 apud SEGATTO, 1995, p. 214-215).

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

“[...] para que não tenha lugar a produção de degenerados, quer físicos quer Moraes, misérias, verdadeiras ameaças á sociedade (SOUTO, 1916, p. 46, grifo nosso).

“[...] desejo de criar uma literatura independente, diversa, de vez que, aparecendo o classicismo como manifestação de passado colonial [...]” (CANDIDO, 1993, v.2, p. 12, grifo do autor).

“ Ao fazê-lo pode estar envolto em culpa, perversão, ódio de si mesmo [...] pode julgar-se pecador e identificar-se com seu pecado (RAHNER, 1962, v. 4, p. 463, tradução nossa)

As Referências bibliográficas dizem respeito a lista de autores e obras citados no texto. Obras consultadas que não forem citadas no texto devem vir listadas em separado como Bibliografia consultada.

As referências ou bibliografia deve ser listadas em ordem alfabética à partir do sobrenome do autor, seguido do título, edição, local, editora, data de publicação e páginas.

## Exemplos de Referências bibliográficas:

### 1- Artigos e/ou matéria de revista, boletim, etc.

DIAS, C. A.; ALVES, J. M. Reflexões sobre a escolha da parceria conjugal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 15, n. 1. p. 113-133, 2004. São Paulo: Iglu. 2004.

COSTA, V. R. À margem da lei: o programa Comunidade Solidária. **Em Pauta**: revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998. (Se a revista científica for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, apos o número do volume).

### 2- Artigo de revista científica no prelo:

Indicar no lugar da data que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em itálico, após o título do artigo. Não referir data e números do volume, fascículo ou páginas ate que o artigo seja publicado.

### 3- Artigo e/ou matéria de revista, boletim etc. em meio eletrônico:

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <<http://www.brazilnet.com.br/contextos/brasilrevistas.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

### 4- Artigos e/ou matéria de jornal:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, caderno 8, p. 13.

### 5- Artigos e/ou matéria de jornal em meio eletrônico:

ARRANJO tributário. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 27 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

### 6- Monografia no todo - Inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, etc.) e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, entre outros).

GOMES, L.G.F.F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.

FERREIRA, L. P. (org). **O fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus, 1991.

PASSOS, L. M. M.; FONSECA, A.; CHAVES, M. **Alegria de saber: matemática**, segunda série, 2, primeiro grau: livro do professor. São Paulo: Scipione, 1995.

RUCH, G. **História geral da civilização**: da Antiguidade ao XX século. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926-1940. 4v.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Catálogo de teses da Universidade de São Paulo, 1992**. São Paulo, 1993. 467 p.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Publication manual** (4<sup>a</sup> ed.) Washington, DC: Autor, 1994.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório da Diretoria-Geral**: 1984. Rio de Janeiro, 1985. 40 p.

### 7- Monografia no todo em meio eletrônico

ALVES, C. **Navio Negroiro**. [S.I.]: Virtual Books, 2000. Disponível em:

<<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegroiro.htm>>.

Acesso em: jan. 2002, 16:30:30.

8. Parte de Monografia (inclui capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor(es) e/ou título próprios).  
ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org). **História dos jovens 2**. São Paulo; Companhia das letras, 1996. p. 7-16.
9. Parte de Monografia em meio eletrônico  
POLÍTICA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. disponível em:<<http://www.priberam.pt/dlpo>>. Acesso em: 8 mar. 1999.
10. Evento como um todo  
X CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 2005, Porto Alegre. **Sexualidade**. Anais. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005.
11. Evento como um todo em meio eletrônico:  
CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife.  
**Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 1996. Disponível em:  
<<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais.htm>>. acesso em: 21 jan. 1997.
12. Trabalho apresentado em evento, mas não publicado:  
FÉRES-CARNEIRO, T. **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ, dez, 1998.
13. Trabalho apresentado em evento com resumo publicado em anais:  
TONIETTE, M. A; LILIENTHAL, L. A. (Re)pensando pontos de partida no trabalho com as dificuldades sexuais a partir da Curva de Contato proposta por Joseph Zinker. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 10., Porto Alegre, 2005. **Anais**. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005, p.129.
14. Trabalho apresentado em evento em meio eletrônico:  
SABROZA, P. C. Globalização e saúde: impacto nos perfis epidemiológicos das populações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA, 4., 1998, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998. Mesa-redonda. Disponível em:<<http://www.abrasco.com.br/epirio98/>>. Acesso em: 17 jan. 1999.
15. Teses ou Dissertações não publicadas:  
MORGADO, M.L.C. **Reimplante dentário**. 1990. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)–Faculdade de Odontologia, Universidade Camilo castelo Branco, São Paulo, 1990.
- 16 - Comunicação pessoal:  
Cite apenas no texto, dando as iniciais e o sobrenome do emissor e a data. Não inclua nas referências.

## **Anexos:**

Os anexos devem ser apresentados em uma página após as referências, numerada consecutivamente, em espaço duplo. Somente use anexos se isso for realmente imprescindível para a compreensão do texto.

## **Figuras e Tabelas:**

Figuras e tabelas devem ser apresentadas com as respectivas legendas e títulos, uma em cada página. As figuras e tabelas não poderão exceder 11,5 X 17,5cm. É imprescindível citar autor, título (quando não existir, deve-se atribuir uma denominação ou a indicação Sem título, entre colchetes), data e especificação do suporte e listar nas referências bibliográficas. Exemplo: KOBAYASHI, K. **Doenças dos xavantes**. 1980. 1 fotografia

## **Nosso procedimento ao receber um trabalho:**

Os trabalhos recebidos são apreciados pelo Conselho Editorial. O parecer será expresso de três maneiras:

- a) *Aceito para publicação*: se estiver de acordo com as Normas e for considerado como trabalho de interesse por sua solidez científica, originalidade, atualidade ou oportunidade de informação para a Revista Brasileira de Sexualidade Humana, será publicado em um dos próximos números da revista, segundo um critério cronológico e de paginação.
- b) *Aceitação Condicional*: caso haja dúvida específica, os editores ou outros profissionais associados da SBRASH de reconhecida competência em sua área de atuação poderão ser consultados para avaliar o trabalho e eventualmente condicionar a publicação a modificações que visam melhorar a clareza, precisão do texto ou adequação das normas para publicação. Nesse caso os autores deverão enviar duas cópias impressas do original reformulado com carta de encaminhamento informando sobre as reformulações realizadas. Caso os autores tenham decidido não realizar algumas modificações sugeridas, devem justificar essa decisão. Esta carta e o texto reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores e a versão inicial para uma análise final. Nesta etapa do procedimento, o Conselho Editorial terá conhecimento das identidades dos autores e dos consultores.
- c) *Recusado*: Nessa hipótese, os autores receberão o parecer do Conselho Editorial com a motivação da recusa.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações no texto dos autores, para agilizar o processo de submissão ou publicação dos originais.

Os originais e o disquete enviados pelos autores não serão devolvidos.

Os editoriais, que refletem posições da Diretoria da SBRASH, serão elaborados pelo editor responsável ou pelos membros do Conselho Editorial. Salvo quando um autor é convidado pela revista, exige-se para as demais seções que o autor, ou ao menos um dos co-autores, seja associado à SBRASH.

**Direitos Autorais:**

A *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* possui direitos autorais de todos artigos publicados por ela. A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outro fim, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do Editor. Reproduções parciais de artigos (Resumo, *abstract*, mais de 500 palavras de texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão também ter permissão por escrito do Editor e dos Autores.

**Endereço para Encaminhamento:**

A remessa de trabalhos para publicação bem como toda correspondência de segmento que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Revista Brasileira de Sexualidade Humana.  
A/C Ana Cristina Canosa Gonçalves  
Rua Comendador João Gabriel, 67  
Cep 04052-080 São Paulo, SP.  
E-mail: [acanosa@uol.com.br](mailto:acanosa@uol.com.br)

## **EDITORIAL**

Este número da Revista Brasileira de Sexualidade Humana inicia uma nova fase da nossa sociedade. Caminhamos no sentido inevitável da modernização qual seja a informatização. Hoje todas as relações entre a nossa Sociedade e seus pares passa pela web, tudo figura ou figurará no portal [www.sbrash.org.br](http://www.sbrash.org.br). Nossa pagina ainda em fase de elaboração contem e conterà todo o arcabouço estrutural da SBRASH.

A regularização dos dados cadastrais dos sócios, a comunicação dos sócios com a diretoria, o envio de textos para publicação na Revista Brasileira de Sexualidade humana (RBSH) e as informações gerais sobre a Sociedade estão a disposição de todos no nosso portal.

Todos os sócios podem a qualquer tempo atualizar seus dados cadastrais entrando em

<http://www.sbrash.org.br/portal/index.php/Atualizacao-da-Ficha-de-Cadastro-de-Socios.html>

O mais importante foi a simplificação da filiação de novos sócios, basta entrar em “filie-se” preencher seus dados conforme o formulário e enviar por e-mail acompanhado de copia escaneada do diploma de graduação e carteira que comprove a filiação ao conselho de classe (CRP, CRE, CRM, etc.). Os dados serão avaliados pela Diretoria de Relacionamento com os Sócios e se necessário pelo conselho consultivo. Se aprovados a comunicação será por e-mail. Evidentemente não eliminaremos o método formal antigo de filiação.

O pagamento das anuidades ainda não pode ser feito, estamos em fase de adaptação da SBRASH às novas exigências da legislação que não haviam sido atendidas.

Essa revista, volume 19- número 1 de 2008, só agora está sendo publicada e ficará a disposição dos sócios apenas “on line” posto que não é possível à diretoria eleita abrir conta bancária em função da impossibilidade de registro da ata de eleição. A falta de possibilidade de cobrança das anuidades de 2008 e 2009 não da margem aos gastos necessários para a instalação de uma secretaria formal e assim provisoriamente estamos sem acesso aos arquivos antigos o que muito dificulta os tramites da Sociedade.

A Diretoria de Publicações pode organizar esse número e já está trabalhando no número 2 do volume 19, tudo isso com um esforço pessoal.

Finalmente a Diretoria Eleita, em nome da SBRASH, pede a todos compreensão pelo transtorno. Tudo deverá acertar-se brevemente e então voltaremos a normalidade.

Paulo Canella  
Presidente Eleito



## **TRABALHOS DE PESQUISAS**

# O ORGASMO NA VIDA SEXUAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA

*Keila Eloisa Machado Santos Prata<sup>1</sup>; Carlos Alberto Dias<sup>2</sup>*

## *ORGASM IN SEXUAL LIFE OF THE CONTEMPORARY WOMAN*

**Resumo:** Embora as transformações ocorridas no último século tenham levado a mulher a reclamar o direito ao prazer, são encontrados, na prática clínica, pacientes cuja problemática está centrada na insatisfação sexual. Diante do temor de colocar em risco sua auto-estima e o relacionamento, a mulher faz uso da estratégia de simulação do orgasmo. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as variáveis que levam a mulher, na atualidade, a simular o orgasmo durante o ato sexual. Para atendimento do objetivo proposto, utilizou-se de entrevista estruturada domiciliar, e de um formulário próprio para registro dos dados coletadas. Participaram da investigação 200 mulheres com experiência sexual, residentes na cidade de Governador Valadares. Constatou-se que apesar de simularem o orgasmo, as mulheres se sentem competentes e realizadas. Foi também observado que quando tal comportamento se torna uma prática recorrente, o sentimento de amor para com o parceiro reduz-se gradativamente.

**Palavras-chave:** Simulação do orgasmo; auto-estima; ato sexual; sexualidade.

**Abstract:** Though the transformation that occurred during last century caused the woman to demand the right of pleasure, one finds patients – in clinical practice – whose problematical condition is centered around sexual dissatisfaction. In the face of fear of risking her self-esteem and the relationship the woman makes use of the strategy of orgasm simulation. This research aims at identifying the variables that cause the woman – in fact – to simulate orgasm during sexual intercourse. In order to attend to the proposed objective a structural home interview was used and a proper form to register the collected data. Two hundred women with sexual experience participated in the research, all residents of the city of Governador Valadares. One noticed that despite simulating orgasm the women feel competent and fulfilled. It was also observed that when such behavior becomes a regular practice the sentiment of love towards the partner reduces gradually.

**Keywords:** Orgasm simulation; self-esteem; sexual intercourse; sexuality

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica. Engeseg Saúde Ocupacional e-mail: keila@engeseggv.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Clínica. Universidade vale do Rio Doce – MG.  
e-mail: [cdias@univale.br](mailto:cdias@univale.br)

## **Introdução**

No Século XX, surgiram diversos estudos sobre a sexualidade humana, em especial, sobre a sexualidade feminina. Tais estudos se centram, principalmente, sobre o orgasmo clitoridiano e o orgasmo vaginal. Os autores de orientação psicanalítica não reconhecem o clitóris como importante elemento para o orgasmo feminino. Entendem que o orgasmo obtido através da manipulação do mesmo é imaturo e infantil. Diferentemente dessa visão, estudiosos do comportamento sexual desenvolveram pesquisas mais recentes nas quais observaram a importância do clitóris durante o ato sexual. Perceberam que, sendo o corpo humano sexualizado em sua totalidade, o saber fazer uso das áreas mais sensíveis para obter o orgasmo, é indicador de maturidade afetiva e sexual. Nesse caso, o clitóris se apresenta como área privilegiada, capaz, através de sua manipulação, de levar a mulher ao ápice do ato sexual, ou seja, a atingir o orgasmo.

Não existe um padrão específico de contato que, de forma infalível, favoreça a obtenção do orgasmo pela mulher. Esse último pode se manifestar em tempo, intensidade e topografia diferentes a cada contato. Isso serve de indicador de que, no tocante ao comportamento sexual, a flexibilidade dos parceiros e a abertura para vivenciar novas experiências se constituem nas principais qualidades para o sucesso nesse campo. Portanto, não há como estabelecer padrões específicos para a resposta sexual feminina. Cada mulher se estimulará sexualmente conforme sua história de vida pessoal, os sentimentos nutridos pelo parceiro, sua auto-estima, o nível de intimidade estabelecido entre ambos, sua capacidade de agir congruentemente nas diversas situações, entre outros. Master e Johnson (1976) consideram que o bom funcionamento sexual depende da integridade e da integração de três sistemas que constituem a pessoa: o fisiológico, o psicológico e os fatores socioculturais. Tudo que ameaça o nosso corpo, nosso psiquismo e nosso relacionamento social/afetivo é fator de risco, podendo levar a falhas sexuais.

Apesar dos avanços no campo do comportamento humano, da Sociologia, do Direito, e da socialização do conhecimento sobre o relacionamento humano em geral, os sujeitos têm sua vida sexual grandemente influenciada pelos valores culturais. Efetivamente, a cultura exerce controle sobre as atitudes e comportamentos sexuais, tanto no que diz respeito aos homens, quanto às mulheres. Embora seja considerado, atualmente, como fonte primária e especializada de prazer acessível a todos os cidadãos, o sexo, em seu aspecto erótico, é ainda rodeado de preconceitos, mitos, tabus e dogmas sujeitos a adaptações para atendimento a cultura particular. No livro *A conduta sexual humana*, Master e Johnson (1976, p. 158 e 159)

dizem que: “[...] a resposta sexual ao orgasmo é a prerrogativa fisiológica de muitas mulheres, porém, sua realização em nossa cultura pode ser mais dependente da aceitação psicossocial da sexualidade [...]”.

Existe uma cobrança excessiva para que tanto os homens quanto as mulheres alcancem o orgasmo a qualquer custo. Falhas na vida sexual, a rigor, não são consideradas comuns e, por tal motivo, passam a ser consideradas inaceitáveis e alvo de críticas e incompreensões. Aquele que apresenta dificuldades no campo da obtenção do prazer se sente fragilizado, temendo que sua situação o desvalorize como pessoa, atraindo, em consequência, críticas e menosprezo provenientes de seu parceiro. Por temer a indiferença do outro em relação à sua existência, dificilmente a mulher anorgásmica entende que, nas tentativas e erros, existe a fonte para o sucesso do ato sexual.

Outro aspecto a considerar é que a falta de confiança em si, as inibições diante do parceiro, a ansiedade e o medo podem atuar negativamente, dificultando o ganho de experiências e a naturalidade para o ato sexual. Essa visão negativa de si mesma tende a preservar as falhas e a reduzir, paulatinamente, a vontade de praticar o ato sexual. Como ilustração, vale citar Abdo quando diz:

Decepções sucessivas vão golpeando a auto-estima, preocupam e geram ansiedade, o que, por sua vez, aprisionam a pessoa num círculo vicioso, levando a mais falhas e a mais decepções. Constrangida, essa pessoa tende a se esquivar não só do sexo, mas do relacionamento em geral [...] (ABDO, 2004, p. 68).

Na sexualidade feminina, a desinformação, as crenças errôneas, os preconceitos religiosos e a não estimulação adequada da parceira, prejudicam a capacidade orgástica da mulher. Outros inimigos do alcance das aspirações sexuais dos parceiros é a falta de comunicação, a agressão, a falta de afeto, entre outros. Cada mulher tem sensibilidade e ritmo exclusivos e individuais. Ela deve conhecer com profundidade o modo como reage seu corpo aos estímulos de seu parceiro, suas zonas erógenas mais sensíveis, as técnicas de estimulação preferidas, para instruir seu companheiro quanto à melhor forma de usufruir do encontro sexual.

Cabe à mulher superar também seus pudores, eliminar crendices que a impedem de solicitar do parceiro, comportamentos mais adequados para o atendimento de suas expectativas. Além da maturidade dos parceiros que investem no jogo sexual, a ausência de elementos perturbadores contribui para o alcance do prazer e orgasmo durante o coito. Kusnetzoff relata que:

[...] O primeiro fantasma a ser afugentado pela mulher é o medo de ser rotulada de frígida; isto a leva a canalizar toda a vontade na obtenção do orgasmo, o que impede o abandono indispensável às sensações de gozo; ou a simular o clímax para satisfazer o companheiro e evitar o suposto ridículo. Qualquer dessas atitudes a deixa frustrada e insatisfeita e inicia-se um círculo vicioso muito difícil de romper [...] (KUSNETZOFF, 1988, p. 85).

O desinteresse pelo ato sexual por parte da mulher é, muitas vezes, produto do cansaço, do estresse excessivo e das preocupações com a vida cotidiana. Em outras, essa perda é decorrente da falta de sensibilidade do parceiro quanto às expectativas e necessidades da parceira. A preocupação da mulher pela sua resposta lenta à obtenção do orgasmo pode ser uma força aniquiladora, pois impede o relaxamento, conduzindo-a a uma inesgotável simulação orgásmica. Portanto, a exigência de orgasmo, antes e durante o coito, numa mulher que tenha dificuldades para dar esse modelo de resposta, pode ter um efeito muito destrutivo sobre a sua adequação sexual.

As exigências para se obter o orgasmo acabam por afastar a mulher das possibilidades de usufruir do prazer sexual e do próprio ato. No lugar de se iniciar um jogo descontraído e prazeroso pelo próprio ato de jogar, o ato sexual atinge um status de profissionalização, no qual a partida é considerada perdida pelo simples fato de não se ter marcado gols. Sendo assim, a mulher fica impossibilitada de uma interação com o parceiro, pois não se permite um prazer não genital, nem a satisfação com suaves carícias, por se acreditar que o fim único do ato sexual é a obtenção do orgasmo. A esse respeito, Kaplan diz que:

O propósito de satisfazer e dividir o prazer com o parceiro não é apenas desejável e saudável, mas uma condição para a boa relação sexual. Entretanto, a compulsão de agradar, de bem executar ou de servir e de não decepcionar pode ser uma poderosa fonte de emoção destrutiva [...] (KAPLAN, 1974, p. 136,137).

Os conflitos e temores sexuais criam várias defesas que interferem na entrega do ato sexual e no prazer, impedindo o funcionamento adequado de um comportamento sexual. As funções independentes que participam do processo sexual precisam estar inacessíveis ao controle consciente, para que elas possam fluir naturalmente. Para desfrutar do bom sexo, é preciso evitar todos os pensamentos alheios, para que a pessoa possa se entregar totalmente à experiência erótica. Segundo Kaplan (1974, p. 138), “[...] As pessoas ansiosas a respeito da sexualidade, em geral ficam ausentes de si mesma, mantêm um controle severo sobre as emoções e ficam observando as próprias relações sexuais [...]”.

Essa vigilância sobre o próprio comportamento sexual impede a liberação da fantasia erótica, um fator importantíssimo para o orgasmo feminino. Se uma mulher não se

permite fantasiar e se conhecer, descobrir as partes de seu corpo que mais respondem aos estímulos, não aprenderá a arte do prazer sexual. A mulher, além da necessidade de redescobrir seu clitóris e sua vagina como fontes de prazer, precisa também tomar consciência e permitir que todo o seu corpo tenha um papel essencial na obtenção do prazer e do orgasmo, no encontro sexual. Deve-se salientar que tal encontro não exige, necessariamente, o envolvimento de duas pessoas, como determinam os valores defendidos pelas sociedades cristãs. Efetivamente, para muitas mulheres, existe uma necessidade de que primeiro encontre a si mesma em termos sexuais, para então ser capaz de estabelecer uma relação autêntica com o outro. Outras mulheres, por mais autênticas que sejam na relação com o outro, por vezes podem sentir a necessidade de, em solitário, reavaliar os limites de seu corpo na obtenção do prazer.

Em outros termos, deve-se atentar para o fato de que a sexualidade humana envolve, além do ato sexual em si, outras atividades, como fantasias, pensamentos eróticos, carícias e auto-erotismo. As fantasias sexuais são pensamentos representativos dos desejos sexuais mais ardentes de uma pessoa e têm a função de complementar e estimular a sexualidade, tanto por ocasião do ato sexual com um parceiro, quanto da estimulação auto-erótica. Essa última é também um comportamento que denota uma maturidade sexual, quando não acompanhada de sentimentos de culpa e temores. O auto-erotismo consiste no toque e realização de carícias em si mesmo, enfocando especialmente as áreas de maior sensibilidade (áreas erógenas e genitais), com a finalidade de obter prazer.

No ser humano, as sensações sexuais despertadas, seja por fantasias, pelo auto-erotismo ou pelo ato sexual em si, ocorrem numa sucessão de fases que estão interligadas entre si, denominadas, por Cavalcanti e Cavalcanti (1992), Fases da Resposta Sexual Humana, que são a *apetência*, a *excitação*, o *orgasmo* e a *resolução*.

A apetência consiste numa fase em que fantasias, pensamentos eróticos ou visualização da pessoa desejada, despertam vontade de ter atividade sexual. Quando diante de um estímulo erótico, o sujeito se mantém inalterado em sua ação, tem-se o distúrbio denominado *Inapetência Sexual*. A excitação é a fase de preparação para o ato sexual, desencadeada pelo apetite sexual. Junto com sensações de prazer, surgem alterações corporais que são representadas basicamente na mulher, pela lubrificação vaginal (sensação de estar intimamente molhada) e, no homem pela ereção do órgão genital. Diante da não ocorrência de tais alterações, tem-se como diagnóstico a *Alteração na lubrificação vaginal*, na mulher, e a *Disfunção Erétil*, no homem. O orgasmo é o clímax de prazer sexual ou sensação de prazer máximo que ocorre após uma fase de crescente excitação. Na mulher, ocorrem contrações da

musculatura genital e, no homem a ejaculação. A não ocorrência desse fenômeno é denominada *Anorgasmia*, no caso da mulher, e a *Disfunção Ejaculatória*, no homem. A resolução consiste na sensação de relaxamento muscular e bem-estar geral que ocorre após o orgasmo. A mulher pode, logo após o ato sexual, ter novamente desejo, excitação e novo orgasmo, não necessitando esperar um tempo para que isso ocorra novamente. Vale ressaltar que a anorgasmia ou transtorno orgásmico feminino consiste “[...] numa inibição recorrente ou persistente do orgasmo feminino, manifestada pelo atraso ou ausência de orgasmo após uma fase normal de excitação sexual” (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 626).

É preciso desfazer o dano causado pelos mitos que rodeiam o orgasmo “vaginal e clitoridiano”. É um equívoco dizer que o orgasmo vaginal e clitoridiano são entidades biológicas distintas. Não existe qualquer diferença entre o orgasmo que se alcança com a estimulação direta do clitóris e aquele alcançado através da penetração vaginal, ou da estimulação de alguma outra zona erógena feminina. O que ocorre é que, depois de adequada e suficiente estimulação do clitóris, a penetração, com seu movimento de vai e vem, aumenta ainda mais o prazer da mulher. Nesse sentido, o clitóris e vagina formam um dueto de funcionamento peculiar e que conduzem a mulher a um orgasmo intenso. Para ilustrar o trecho acima, é importante citar Cavalcanti e Cavalcanti quando dizem que:

...] Não existe nenhuma diferença entre o orgasmo que se obtém com a estimulação direta do clitóris, da vulva, através da penetração vaginal, anal ou da estimulação de qualquer outra zona erógena do corpo da mulher. Na fisiologia, o clitóris tem uma importante missão: servir de receptor dos estímulos sexuais, sejam eles somatogênicos ou psicogênicos. O foco primário da resposta sexual é o corpo do clitóris e, não, a glândula. Isto elimina a preocupação de muitos homens que se detêm a estimular a glândula, procurando-a com obstinação (CAVALCANTI E CAVALCANTI, 1992, p. 101).

Tem-se, atualmente, enfatizado a necessidade compulsória de que a mulher atinja o orgasmo durante suas relações sexuais. Nesse contexto, a obtenção do orgasmo passou a ser considerada a certificação da feminilidade da mulher, que deve acompanhar, necessariamente, todos os atos sexuais. Essa imposição social foi a tal ponto introjetada que o orgasmo tornou-se uma meta obrigatória a ser alcançada. As pessoas se esforçam, procuram-no, fazem concepções arrebatadoras a seu respeito e, quando não conseguem atingi-lo, não raro buscam soluções inadequadas para provar sua “normalidade” sexual.

O orgasmo tem sido muito discutido nos últimos tempos, pela sua importância entre as mulheres. Ao adquirir maior consciência de sua sexualidade, após séculos de quase total submissão, a mulher procura atingir e mostrar todo o seu potencial sexual e deixar de ser

considerada frígida. Conhecer as múltiplas causas que mantêm essa situação é o primeiro passo para a mulher solucionar eficazmente tal dificuldade e, juntamente com o homem, obter plena gratificação sexual. Muitas mulheres não atingem o orgasmo nas relações, mas isso não interfere de modo significativo em seu relacionamento com o parceiro. Outras, porém, sentem-se diminuídas e frustradas com essa situação, que pode perturbar inteiramente sua vida conjugal.

O chegar ao orgasmo constitui um crescimento pessoal, e não é uma experiência isolada de prazer físico e psicológico. Ele não depende só da excitação sexual, mas, sobretudo, da capacidade de entregar-se às sensações eróticas, de sentir-se à vontade consigo mesma, de amar-se e de amar o seu parceiro sexual. O orgasmo não pode ser uma ocorrência que nasce de uma exigência do parceiro ou da sociedade. Ele deve ser e é o resultado de um processo de crescimento e amadurecimento sexual da mulher.

Para viver essa experiência, é necessário acostumar-se à entrega, o que quer dizer abandonar-se às próprias sensações, descobrir o que gosta e o que não gosta durante o contato sexual, e compartilhar com o parceiro suas necessidades e desejos. Sem ser a solução do seu problema, porém, com o medo de que o parceiro descubra sua dificuldade e a abandone por isso, a mulher muitas vezes finge o orgasmo. Contudo, essa atitude a longo prazo, tem como resultado a incapacidade da mulher em revelar ao parceiro suas dificuldades sexuais e, ainda, colocar em risco o sucesso da relação conjugal e de sua saúde psicológica.

O presente trabalho pretende levantar dados sobre a simulação do orgasmo presente na vida da mulher contemporânea. Em outros termos, esta investigação procura respostas para a questão formulada nos seguintes termos: *Que motivos ainda levam mulheres, no Século XXI, a simular o orgasmo?*

## **Metodologia**

Em termos gerais, esta investigação procurou identificar as variáveis que levam a mulher, na atualidade, a simular o orgasmo durante as relações sexuais. Para isto procurou-se identificar, dentre as mulheres que possuem experiência sexual, aquelas que simulam ou que já simularam orgasmo em algum momento de suas vidas; verificar a existência de anorgasmia nas mulheres que simulam ou já simularam o orgasmo em suas relações sexuais; efetuar um levantamento das variáveis que induzem as mulheres a simular ou já ter simulado o orgasmo, durante o ato sexual; apontar, dentre as diversas variáveis, aquelas que mais induzem ou induziram as mulheres a simular o orgasmo; verificar se o comportamento de simulação do



orgasmo é mais frequente entre as mulheres anorgásmicas ou entre aquelas que não apresentam tal patologia.

Para a coleta de dados utilizou-se de entrevista estruturada domiciliar contendo 17 questões, durante a qual os dados foram registrados em um formulário próprio criado especificamente para essa pesquisa. Os seguintes temas foram abordados durante a entrevista: perfil das participantes (idade, escolaridade, religião e situação familiar), relacionamento sexual (existência de parceiro fixo, satisfação com o parceiro, satisfação sexual, função do ato sexual, função do orgasmo, ocorrência e frequência de orgasmos), simulações do orgasmo (no passado, no presente, motivos, frequência, conseqüências e sentimentos provocados). Os dados foram posteriormente processados com o auxílio do programa SPHINX.

Para participar da pesquisa as mulheres deveriam ser residentes na cidade de Governador Valadares, possuidoras de experiência sexual e ter idade mínima de 18 anos. A composição do grupo de mulheres entrevistadas fez-se através dos seguintes passos: de posse da carta de recomendação expedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univale, e empregando a técnica “*bola de neve*”, foram identificadas as primeiras, e as mulheres subseqüentes interessadas em participar da pesquisa. Para as mulheres que se prontificaram a participar da pesquisa, e que atendiam aos critérios de inclusão, foram informados os objetivos da mesma, bem como realizado o agendamento do dia e horário da entrevista domiciliar. No início da entrevista domiciliar foi esclarecido que a participação se fazia por livre consentimento e que lhes era resguardado o direito de se recusarem a responder a qualquer questão que pudesse constrangê-las e, ainda, que poderiam até mesmo destruir o formulário, caso não pretendessem continuar fazendo parte da pesquisa. Na oportunidade, foi também assegurado o anonimato das respostas contidas no formulário. O tempo médio das entrevistas foi de 31 minutos.

## **Resultados e discussão**

Fizeram parte da pesquisa 200 mulheres com idade média de 32 anos, divididas em três categorias: 51%, abaixo de 30 anos; 31%, de 30 a 45 anos, e 18%, acima de 45 anos. Quanto ao estado civil, 49% são casadas, 41% solteiras e 10% divorciadas. No que se refere à escolaridade, 64% possuem ensino superior; 22% ensino médio, e 14%, ensino fundamental. No tocante à adesão religiosa, 65% são católicas; 30%, protestante, e 5%, espíritas.

Dentre as entrevistadas, 84,8%, possuem vida sexual ativa e 15,2% inativa. Nesse grupo, estão incluídas mulheres solteiras, divorciadas e viúvas. Levando-se em consideração o

percentual de solteiras e o das que não possuem vida sexual ativa, pode-se constatar que a atividade sexual não está diretamente relacionada com o estado civil da mulher. Caso contrário, o número das inativas deveria ser superior a 41%. Este dado revela que os valores cristãos, que se constituem num dos alicerces da cultura brasileira, aparentemente, não são mais os determinantes do modo como a população gerencia sua vida sexual.

Em sua quase totalidade, 82,4% das entrevistadas possuem parceiro fixo, e apenas 17,6% não o possuem. Não possuir parceiro fixo significa, no caso, estar vivendo uma situação na qual inexistem, ainda, um compromisso formal, ou quase formal, entre as mulheres desse grupo e os homens com os quais se relacionam. Existe, atualmente, uma tendência de não se envolver formalmente antes que o casal tenha certa garantia de que a relação possa, pelo menos aparentemente, ser bem sucedida. A atividade sexual, nesse contexto, constitui-se numa opção a mais de encontro e conhecimento dos limites e possibilidades do possível futuro companheiro.

Dentre aquelas que possuem parceiro fixo, 42,4% revelam estar muito satisfeitas no que diz respeito ao relacionamento afetivo. Esse percentual se repete para aquelas que se sentem satisfeitas. As que estão insatisfeitas correspondem a 15,2%.

A título de reflexão, vale ressaltar que podem surgir dúvidas quanto àquelas que se dizem satisfeitas. Efetivamente, esse grupo se encontra numa zona fronteira entre as insatisfeitas e as muito satisfeitas. Tem-se, então, uma possibilidade de que, em condições adversas, o percentual das insatisfeitas possa ser acrescido, significativamente, podendo o mesmo ocorrer com o grupo das muito satisfeitas diante de condições favoráveis.

Quanto às funções do ato sexual, 56,6% das entrevistadas acreditam que o ato sexual tem como função fortalecer o amor e a cumplicidade; 31,2% consideram que o ato serve para obter prazer. Apenas 8,6% consideram que o ato tenha como função cumprir o dever conjugal, e uma parcela ainda menor, 3,6%, coloca acento sobre a função de procriar. A grande porcentagem daquelas que acreditam que o ato sexual tem como função fortalecer o amor e a cumplicidade é um indicador de que grande contingente de mulheres ainda se esforça em satisfazer o parceiro. Nesta ação procuram garantir a continuidade do relacionamento, em vez de procurar possibilidades que as façam sentirem-se satisfeitas, em decorrência de uma prática sexual saudável e bem sucedida.

A falta de priorização para a própria vida sexual e afetiva reflete, diretamente sobre o modo como as entrevistadas vivenciam sua prática sexual. O preocupar-se com o bem-estar do parceiro durante o ato sexual inviabiliza a obtenção do orgasmo pela mulher. Efetivamente, ela não se põe numa situação na qual possa se render ao prazer, ao invés de

render-se ao parceiro. Dentre as entrevistadas, 22,8% vivem uma problemática centrada na insatisfação sexual e no não atendimento às suas expectativas por ocasião do ato sexual.

Embora o nível de satisfação das que se sentem muito satisfeitas aproxime-se daquelas que se dizem satisfeitas, boa parcela das satisfeitas podem, de forma similar ao que ocorre em relação à satisfação afetiva, posicionarem-se no grupo das insatisfeitas. Existe uma aproximação percentual entre aquelas que se sentem muito satisfeitas afetivamente, e aquelas que se dizem muito satisfeitas sexualmente. Contudo, a insatisfação sexual é superior à insatisfação afetiva. Esse dado demonstra que afetividade e sexualidade não são dois lados de uma mesma moeda. Pode-se estar satisfeita afetivamente com o parceiro, sem que isto ocorra, necessariamente, com os momentos de encontro sexual.

Em relação às funções do orgasmo, julgou-se mais adequado tomar como referência aquelas que admitiram simular o orgasmo ocasionalmente, ou em todas as vezes em que não o obtiveram durante o ato sexual. A observação dos dados constantes no Quadro 1, demonstra que existe, na atualidade, grande preocupação feminina com o sentimento de masculinidade e equilíbrio emocional do parceiro. Efetivamente, dessas mulheres, 44,4% encenam o prazer diante do parceiro, visando diretamente o fortalecimento do relacionamento. Um maior número delas (55,6 %), ao simularem o orgasmo, tem sua atenção voltada para o bem estar psicológico do parceiro.

Função do orgasmo	Frequência	Porcentagem
Fortalecer o amor e a cumplicidade	48	38,10%
Manter a auto-estima e equilíbrio emocional do parceiro	43	34,20%
Manter o sentimento de competência sexual do parceiro	27	21,40%
Garantir a fidelidade do casal	8	6,30%
<b>TOTAL</b>	<b>126</b>	<b>100%</b>

**Quadro 1: Função do orgasmo**

Além desses dados evidenciarem mais uma vez a característica servil da mulher diante do parceiro, eles conduzem a outro questionamento, ainda mais importante: como está o diálogo entre os sexos, num mundo em que os meios de comunicação contam com as mais evoluídas tecnologias? Se, de um lado, os meios de comunicação tiveram considerável evolução tecnológica objetivando promover a comunicação e a construção de sofisticados equipamentos, pouca evolução tem sido observada na comunicação íntima, onde os instrumentos facilitadores são, já de longa data conhecidos, pelos sujeitos: os corpos e a cama.

Segundo depoimentos das entrevistadas, o orgasmo começa a fazer parte do dia-a-dia da maioria das mulheres. Apenas 7% sofrem de anorgasmia total, e 23%, de anorgasmia parcial. A grande maioria, 70%, consegue obter o orgasmo nas suas relações sexuais.

Os diversos motivos que levam as mulheres a simularem o orgasmo podem ser agrupados em quatro categorias. Um total de 38,5% o fazem para encurtar o tempo de relações não prazerosas; 24% para garantir a continuidade do relacionamento; 20,2% para não revelar ao parceiro suas dificuldades sexuais; e 17,3% para manter o sentimento de competência sexual do parceiro. Percebe-se que a maior parte das entrevistadas prefere assumir o comportamento de simulação, por não vislumbrarem uma ação mais assertiva para a elevação da qualidade do relacionamento.

Conforme pode ser observado no Quadro 2, no tocante ao relacionamento afetivo com o parceiro, as mulheres acima de 45 anos se sentem mais insatisfeitas do que as mais jovens. Aparentemente, tal ocorrência é decorrente do fato de que, com a maturidade, as mulheres passam a demandar maior afeto e expressam isto diante de seus parceiros. Já as mais jovens, movidas pelo temor de colocar em risco o relacionamento, contentam-se com o que o outro é capaz de lhes proporcionar.

Idade / Rel. afetivo	Muito satisfeita	Satisfeita	Insatisfeita	Total
Abaixo de 30	48,40%	43,20%	8,40%	100%
De 30 a 45	36,20%	44,80%	19,00%	100%
Acima de 45	36,70%	33,30%	30,00%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>42,60%</b>	<b>42,10%</b>	<b>15,30%</b>	<b>100%</b>

**Quadro 2: Cruzamento de variáveis: idade e nível de satisfação com o relacionamento afetivo**

O que ocorre em relação à afetividade tende a se repetir no tocante ao relacionamento sexual. No grupo de mulheres entre 30 a 45 anos, e no grupo acima de 45 anos, é que se pode encontrar um maior percentual de insatisfação sexual, 31% e 30%, respectivamente. Convém salientar que, entre as mulheres mais jovens e aquelas que possuem uma vida assoberbada com o trabalho e a família, o nível de insatisfação sexual é superior ao de insatisfação afetiva. Isso é um indicador de que falar de sexo, ou colocar em cheque o parceiro, constitui-se ainda, no ponto fraco do grupo feminino.

Idade / Rel. sexual	Muito satisfeita	Satisfeita	Insatisfeita	TOTAL
Abaixo de 30	44,20%	41,10%	14,70%	100%
De 30 a 45	31,00%	37,90%	31,00%	100%
Acima de 45	30,00%	40,00%	30,00%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>37,70%</b>	<b>39,90%</b>	<b>22,40%</b>	<b>100%</b>

**Quadro 3: Idade X Nível de satisfação com o relacionamento sexual**

Conforme o Quadro 4, não existe grande discrepância no comportamento de simulação do orgasmo, de acordo com a idade. A ocorrência de tal comportamento pode ser observada em mulheres de idades variadas, desde as mais jovens até às mais maduras. As mulheres do Século XXI, apesar de todas as suas conquistas sociais, não têm dado a devida atenção ao próprio prazer sexual. Sua atenção se volta ainda, prioritariamente, para o prazer do seu parceiro ou para a manutenção do relacionamento, independentemente da qualidade do mesmo. Em sua quase totalidade, as mulheres simulam ou já simularam o orgasmo a fim de encurtar o tempo das relações não prazerosas. Conseqüentemente, o seu bem estar físico e psicológico vai sendo gradativamente reduzido, pois a constante simulação pode ocasionar uma redução do desejo de praticar o ato sexual.

Idade / Orgasmo	Sim	Não	TOTAL
Abaixo de 30	95,10%	4,90%	100%
De 30 a 45	87,10%	12,90%	100%
Acima de 45	97,10%	2,90%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>93,00%</b>	<b>7,00%</b>	<b>100%</b>

**Quadro 4: A simulação do orgasmo de acordo com a idade das entrevistadas**

Os dados revelam que a simulação do orgasmo pela mulher não está diretamente associada ao tipo de vínculo estabelecido com o parceiro. Ela pode ocorrer, igualmente, durante o ato sexual praticado entre ficantes, namorados, noivos, amantes ou casados. Pode-se observar, a partir do Quadro 6, que não existe um padrão crescente ou decrescente da simulação do orgasmo conforme o tipo de relacionamento.

Estado Civil / Simulação atual	Sim	Não	TOTAL
Casada	55,10%	44,90%	100%
Solteira	45,70%	54,30%	100%
Divorciada	60,00%	40,00%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>51,80%</b>	<b>48,20%</b>	<b>100%</b>

**Quadro 6: Simulação do orgasmo em função do estado civil**

Várias são as conseqüências sofridas pelas mulheres em decorrência da repetida simulação do orgasmo. Conforme o Quadro 7, das mulheres entrevistadas, 32,4% acreditam que o longo tempo de simulação orgásmica tem como conseqüência a redução do desejo de praticar o ato sexual; 20,3% desenvolvem uma ansiedade diante da procura do parceiro para o ato sexual; 15,9% sentem desejo de romper com o relacionamento para não ter que fazer amor

com o parceiro; 14,8% acreditam na redução do amor para com o parceiro; 11% experimentam um aumento do sentimento de irritação; e 5,5% se sentem inibidas diante de mulheres que se sentem sexualmente felizes. A situação de silêncio vivida pela mulher, no tocante à sua sexualidade, coloca em questão seu grau de realização pessoal, bem como a continuidade do relacionamento que tenta proteger. Fala-se aqui, de realização no sentido sexual, pois, é pelo prazer e, mais precisamente pelo orgasmo, que a mulher se sente plena fisicamente. A anorgasmia feminina rouba das mulheres a oportunidade de conhecerem os limites e possibilidades de seu próprio corpo, sobretudo, quando não o experimentam mesmo em situações ocasionais.

Conseqüências da repetição da simulação orgásmica	Frequência	Porcentagem
Redução do desejo de praticar o ato sexual	59	32,40%
Ansiedade quando procurada para o ato sexual	37	20,30%
Desejo de romper para não ter que fazer amor com o parceiro	29	15,90%
A redução do sentimento de amor pelo parceiro	27	14,80%
Aumento do sentimento de irritação, "nervos à flor da pele"	20	11,00%
Inibição diante de mulheres que se sentem sexualmente felizes	10	5,50%
<b>TOTAL</b>	<b>182</b>	<b>100%</b>

**Quadro 7: Conseqüências da repetição da simulação do orgasmo**

Observou-se que 76,10% das entrevistadas se sentem felizes com o que realizaram, e acreditam que, com sacrifícios, alcançarão outros sonhos. Pode-se dizer que a simulação do orgasmo está muito mais ligada à educação recebida e à cultura, do que ao modo como a mulher se julga quanto ao ser mulher. Tal ato é visto como uma estratégia normal, a ser utilizada, para não colocar em risco o relacionamento com o outro, ou para criar um maior sentimento de competência pessoal no parceiro. De certa forma, não demonstrar a verdade, fazê-lo acreditar que é co-responsável pelo prazer da parceira, é entendido como um ato de desprendimento da mulher em função daquele que ama ou que pretende como amante. A simulação parece ser uma das diversas estratégias que a mulher aprende a utilizar para ter sucesso pessoal, afetivo ou profissional. No entanto, essa simulação não é um fator determinante em reduzir o sentimento de feminilidade e de competência pessoal; ao contrário, o ser capaz de simular orgasmo é, em si, uma habilidade que serve para confirmar sua competência na arte de ser mulher. Ela é capaz, entre outras, de convencer o parceiro de que está lhe oferecendo o que deseja dela.

Nível de satisfação pessoal	Frequência	Porcentagem
Estou feliz com o que realizei, com sacrifícios alcançarei outros sonhos	150	76,1%
Sinto-me competente, realizada e capaz de vencer qualquer obstáculo	29	14,7%
Não realizei a maioria dos sonhos, penso que devo ficar satisfeita com o que tenho	12	6,1%
As mulheres vieram ao mundo para sofrer; melhor seria ter nascido homem	6	3,0%
<b>TOTAL</b>	<b>197</b>	<b>100,0%</b>

**Quadro 8: Nível de satisfação pessoal**

## Conclusão

Em termos globais, ocorreram grandes transformações na vida sexual das mulheres. Porém percebe-se que muitas se veem, ainda, presas a valores culturais, que as impedem de usufruir do prazer sexual de forma irrestrita e completa. Outro aspecto a considerar é a falta de liberdade do casal de falar ou discutir o relacionamento sexual. Como consequência da falta de diálogo, as mulheres ficam em situação de falta, diferentemente do que ocorre com o homem. Não falar de suas necessidades e desejos sexuais, leva a mulher a simular o orgasmo, considerando este comportamento como necessário para dar continuidade a um relacionamento que se lhe apresenta como instável. O sucesso alcançado nesse comportamento gera a repetição. Por sua vez, a prática continuada desse ato reduz sua capacidade de agir sexualmente de forma adequada e, ainda, gera uma redução do desejo de praticar o ato sexual.

Por outro lado, existe atualmente uma cobrança excessiva sobre a obtenção do orgasmo feminino durante o ato sexual. Em função disso, a mulher contemporânea tem vivenciado o orgasmo não como um bem próprio do ato sexual, mas como uma exigência para que se garanta a continuidade do relacionamento com o parceiro. Em decorrência, quando não se adapta à simulação, a mulher se lança numa busca quase compulsiva em obter o orgasmo a qualquer custo. Quando não consegue, decepiona-se consigo própria ou lança-se numa busca por um parceiro ideal. Parece não existir a percepção de que por mais que seja importante a obtenção do orgasmo, esse deve ser gratuito, autêntico. Essa autenticidade implica no estabelecimento de comunicações mais assertivas e do reconhecimento, tanto pelo homem quanto pela mulher, de que o ato sexual é um brincar. Um brincar sem competições, onde cada um dos parceiros, ao querer continuar a brincadeira, fazem-no por prazer e, não, como uma obrigação.

## Referências Bibliográficas

- ABDO, C. H. N. **Descobrimento sexual do Brasil:** para curiosos e estudiosos. São Paulo: Summus, 2004. 143p.
- CAVALCANTI, R.; CAVALCANTI, M. **Tratamento clínico das inadequações sexuais.** São Paulo: Roca, 1992. p. 98-106.
- KAPLAN, H. S. **A nova terapia do sexo:** tratamento dinâmico das disfunções sexuais. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974. p. 128-141.
- KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria.** 7ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KUSNETZOFF, J. C. **A mulher sexualmente feliz.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 77-86.
- MASTER, W. H; JOHNSON, V. E. **A conduta sexual humana.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976. p. 153-160.



# FANTASIAS SEXUAIS – UMA PESQUISA COM UNIVERSITÁRIOS DA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO

*Diva Cristina de Paula Portella<sup>1</sup>; Helena Theodoro Lopes<sup>2</sup>*

## *SEXUAL FANTASIES – A STUDY OF STUDENTS OF THE NORTH ZONE OF RIO DE JANEIRO*

**Resumo:** O objetivo do presente estudo foi avaliar similitudes e diferenças na utilização de fantasias sexuais entre homens e mulheres. Foi realizada uma pesquisa de campo, com 376 estudantes universitários, da Zona Norte do Rio de Janeiro, estando a maioria entre a faixa etária de 17 a 25 anos. O instrumento de levantamento de dados foi um questionário com 17 questões. Para a análise estatística utilizou-se o teste Qui-quadrado. Os resultados demonstraram que a fantasia sexual para homens e mulheres faz parte da vida sexual de uma forma global; porém, os homens, a utilizam com maior frequência nas relações extraconjugais. Ambos sentem-se mais à vontade com parceiros fixos para compartilharem suas fantasias sexuais. Já com parceiros eventuais os homens compartilham mais que as mulheres. Verificou-se que ambos buscam com pouca frequência recursos eróticos para as suas fantasias sexuais. Chegou-se à conclusão que os padrões de fantasias sexuais entre homens e mulheres desta amostra são semelhantes, apresentando erotismo e romantismo.

**Palavras-chave:** Fantasias Sexuais; sexualidade; sexo; mídia

**Abstract:** This paper addresses the theme of sexual fantasies. The aim of the present work is to assess the similarities and differences between men and women in their performance of sexual fantasies. A field study of 376 students of the North zone of Rio de Janeiro was carried out, their ages ranging from 17 to 25. The tool for data survey was a questionnaire of 17 questions. The qui-square test method was used for statistic analysis. The results showed that the sexual fantasy is part of both men's and women's lives in a general way, although men use them more frequently in extramarital relations. Both feel comfortable with fixed partners when sharing their sexual fantasies. However, men share more with occasional partners than women. It was observed that both rarely seek erotic devices to accomplish their sexual fantasies. We came to the conclusion that the sexual fantasy patterns of men and women of this sample were similar, both expressing eroticism and romanticism.

**Keywords:** Sexual Fantasies; sexuality; sex; media

---

<sup>1</sup> Mestre em Sexologia (UGF/RJ). Psicóloga. Coordenadora e Professora do Curso de Pós-Graduação em Sexualidade Humana da FAACS - RS . e-mail: [diva\\_ps@uol.com.br](mailto:diva_ps@uol.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia. Orientadora da Dissertação de Mestrado em Sexologia – UGF/RJ e-mail: [helenath@ig.com.br](mailto:helenath@ig.com.br)

## Introdução

**“A parte mais sensual do corpo e melhor afrodisíaco do mundo é a imaginação”**

(Diane Ackerman, 1996, pág.134)

A sexualidade humana envolve vários aspectos da vida, sejam eles psíquicos, biológicos, políticos, educacionais e religiosos. Entretanto, vivenciar o prazer em suas múltiplas faces, ainda não é comum, devido a décadas de preconceito, patriarcalismo, repressão e à falta de uma educação que não foque a sexualidade apenas nos aspectos médico e preventivo, mas algo essencial para a qualidade de vida humana. O sexo, apesar de ter passado do nível do “falar sobre sexo” para o “como fazer sexo”, ainda é motivo de muitos conflitos psíquicos e relacionais. E a fantasia sexual é o ingrediente essencial para uma relação sexual satisfatória.

O Dicionário do Sexo define fantasias sexuais como sendo “imagens eróticas de relações sexuais, incluindo variações, como encontros homossexuais, sexo grupal ou masoquismo”. (GOLDENSON e ANDERSON, 1992, p. 107)

A fantasia sexual é um fator importante para o despertar do desejo, sendo, portanto, fator importante para pesquisa, pois compreender melhor como as pessoas se comportam em relação a esta área é um passo para tentar ajudá-las quando surge a queixa sexual.

A flexibilidade ou rigidez nos valores é importante fator na vivência das fantasias sexuais, levando o indivíduo a experimentar suas fantasias sexuais com mais ou menos prazer ou culpa. Se as fantasias sexuais forem julgadas de forma rígida, é bem provável que os sentimentos despertados com isso sejam negativos à resposta de excitação sexual. Por outro lado, se a fantasia sexual é explorada e apreciada pelas sensações prazerosas que desperta, estará disponível e acessível sempre que se desejar.

Dois elementos são essenciais para a fantasia sexual: a curiosidade e a criatividade.

Sem o uso da criatividade, a sexualidade torna-se rotineira e desinteressante. A inserção do erotismo na intimidade de um casal ajuda a desenvolver o potencial sexual, apontando novos caminhos para o prazer.

Para HEIMAN e LO PICCOLO

“As fantasias sexuais são uma forma de reviver situações, comportamentos e experiências prazerosas e agradáveis; servem para expressar a nossa criatividade; e para satisfazer nossos desejos naturais de variar. Variedade, novidade e excitação são parte das nossas fantasias” (HEIMAN e LO PICCOLO, 1992, p. 78, v. 2).

A fantasia é um elemento essencial, no entanto, para isso é necessário ter um nível bom de cumplicidade entre os parceiros. Ela pode não ser compartilhada por medo da reação do parceiro “(...) quanto maior o conhecimento do próprio corpo e da fantasia do outro, melhor será o desempenho de ambos, já que os dois se tornam experientes em satisfazer os seus desejos” (RIBEIRO, 1995, p.30). Os relacionamentos de longa duração acabam gerando situações ocasionadas pela habituação e o renovar das fantasias é o melhor remédio para a manutenção do desejo sexual.

A mídia e a moda atuam no cotidiano das pessoas, influenciando comportamentos e construindo valores. Se juntado a isso, temos a indústria do sexo, mercado antigo que sobrevivia às escondidas e que, neste século, toma força, movimentando milhões todo ano, influenciando a imaginação e as fantasias sexuais. A modernização dos produtos dos sexshops e a intensidade com que são divulgados pelas revistas femininas e pela internet fazem acreditar que a ida aos sexshops seja importante para incrementar os jogos sexuais, sejam eles individuais ou com o parceiro.

Diante desse contexto, procuramos pesquisar até que pontos homens e mulheres utilizam fantasias sexuais. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi avaliar similitudes e diferenças na utilização de fantasias sexuais entre homens e mulheres.

Pesquisar o comportamento sexual humano é compreender o ser humano em sua plenitude. Com isso, pretende-se promover abertura para novas discussões, neste campo do saber.

## **Material e Métodos**

Para realizar este trabalho foi feito um levantamento bibliográfico e uma pesquisa de Levantamento ou “Survey”. Também pode, a presente pesquisa, ser classificada como comparativa, na medida em que serão avaliadas possíveis diferenças, segundo o gênero.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método quantitativo, tendo como técnica a análise estatística. Para esta análise, foi utilizado o *software* SPSS, para que os dados fossem avaliados e interpretados, estatisticamente, quanto à frequência, percentagens e às diferenças entre os gêneros.

Utilizou-se a estatística não-paramétrica, através da aplicação do teste do Qui-Quadrado, utilizado em pesquisa, e que permite a construção de tabelas de distribuição em frequências simples, bem como o cruzamento de variáveis para se fazer comparações entre frequências. Foi utilizado o nível de significância  $p < 0,05$ .

Nesta pesquisa foi usado, como instrumento de pesquisa, um questionário auto-aplicável, com 17 questões. O questionário visou a obter informações, num primeiro momento, sobre dados pessoais referentes a: sexo, idade, estado civil, nível sócio econômico e religião (questões de 1 a 5). E num segundo momento, investigar a visão dos universitários sobre as fantasias sexuais (questões de 6 a 17).

A amostra, do tipo probabilística, constituiu-se de 376 (trezentos e setenta e seis) estudantes universitários, da Zona Norte do Rio de Janeiro.

## **Resultados e Discussão**

A amostra consistiu de estudantes universitários, estando ambos os sexos representados de forma semelhante, ou seja, em torno de 50% para cada.

Quanto à idade, foi constatado que a maioria ficou entre a faixa etária de 17 a 25 anos, tanto para homens como para mulheres, o que representou 74,8% de mulheres e 68,4% de homens na amostra. A menor faixa etária, tanto de homens como de mulheres, está entre 31 a 35 anos, provavelmente porque a última englobou um maior número de sujeitos, uma vez que, neste intervalo, não havia limite máximo de idade. A concentração maior é de solteiros, e o estado civil com menor representatividade é o de viúvo(a) com menos de 1%. O fato de a grande maioria ser solteiro deve-se ao fato do maior número de pessoas estar na faixa etária entre 17 a 25 anos.

Quanto à religião a maior concentração referiu-se, a religião católica, representando mais de 50% do total da amostra, seguida pela religião evangélica, o que confirma dados do IBGE em relação à população brasileira. Interessante observar que os homens, quase duas vezes mais que as mulheres, relatam não possuir religião.

## **Aspectos Relacionados ao Uso de Fantasias Sexuais**

### **- Frequência no Uso das Fantasias Sexuais**

Não foi observada diferença estatística significativa entre os gêneros. Contudo, é importante observar que a concentração da frequência ficou em “Às vezes” e, em seguida, em “Raramente” tanto para homens como para mulheres, totalizando 75,1% das mulheres e 78,5% dos homens. A frequência que apresentou uma diferença maior entre homens e mulheres, mas ainda assim não significativa, foi “nunca”, onde as mulheres responderam mais do dobro de vezes que os homens.

De acordo com CAVALCANTI e CAVALCANTI (1992), a fantasia erótica é muito importante para a vida sexual. “As pesquisas já demonstraram que homens e mulheres costumam ter de 7 a 40 fantasias sexuais, por dia”. (p.223). No entanto, o resultado desta amostra não foi semelhante aos apresentados por estes autores.

Os resultados do presente trabalho, no entanto, correspondem aos estudos de KOLODNY, MASTERS e JOHNSON (1982, p. 283), que defendem como errônea, a idéia de que as mulheres não têm fantasias sexuais, pois homens e mulheres apresentaram percentual de frequência semelhante.

### **- Afirmações sobre o que Representa a Fantasia Sexual**

Quando se comparam os níveis de concordância de homens e mulheres sobre o que representa a Fantasia Sexual, em relação às seis afirmativas, aquela que apresenta uma diferença maior é a que diz que “a fantasia sexual é usada mais nas relações extraconjugais”. Isso demonstra que, nesta amostra, os homens ainda fazem distinção de mulher-esposa e mulher-amante, não conseguindo ainda visualizar a liberdade sexual que a mulher vive hoje, independente de sua idade ou estado civil. Demonstra que estes homens ainda vivem sob o antigo valor: “mulher de casa é pra isso e mulher da rua é pra aquilo”, em que a mulher esposa tem que ser a mãe, a cuidadora, ou seja, separando os papéis de esposa e de amante, como se ambas não pudessem estar numa só, desempenhando os dois papéis. Outra que apresenta uma diferença significativa é a afirmativa 3; pode-se supor que esse resultado, deve-se ao fato do homem, começar as suas experiências eróticas mais cedo, do que as mulheres, pois sua própria educação reforça isso, junto aos estímulos recebidos da mídia. E também, porque os homens, conforme KINSEY *et. all* (1953), fantasiam mais durante sua masturbação, do que as mulheres.

### **- Utilização de Fantasias Sexuais em Algumas Situações**

Os maiores percentuais, somando-se as frequências (1) e (2), para as mulheres, sobre o momento em que utilizam fantasias, foram: “Durante a relação sexual propriamente dita” e “Durante as preliminares com o parceiro”, representado por 39,2% e 38,2% respectivamente. Esta amostra está de acordo, ainda que em percentual menor, com a pesquisa realizada por FISCHER (1978), em que mais de 75% das mulheres indicaram que têm uma fantasia ou imagem que retorna ocasionalmente, durante a relação sexual.

E para os homens, somando as frequências (1) e (2), houve semelhança nos resultados: o mais representativo foi “Durante as preliminares com a parceira” com 46,4%, seguido por “Quando algo ou alguém me desperta interesse” com 36,7%, “Durante a relação sexual propriamente dita” com 36,4% e “Quando eu me masturbo sozinho”, com 35%.

Comparando os resultados entre homens e mulheres, constatou-se diferença estatística significativa nas seguintes afirmativas: quando o momento da utilização da fantasia é “a qualquer hora do dia”, os homens apresentaram um percentual maior que as mulheres na frequência “Às vezes”, e as mulheres apresentaram um percentual maior que os homens na frequência “Nunca”; os homens fantasiam mais que as mulheres quando alguém desperta interesse; este resultado demonstra que este comportamento ainda é consequência de anos de repressão em relação a sexualidade que a mulher sofreu.

Quando o momento da fantasia é “durante a masturbação”, somando-se as frequências (1) e (2), o resultado é de 11,9% de mulheres e 35% de homens, correspondendo às pesquisas de KINSEY *et all.* (1953), que apontam que as mulheres fantasiam com uma frequência menor que os homens, enquanto se masturbam. Já os homens, em quase todas as suas experiências de masturbação, fazem uso de fantasias sexuais. Contudo, os dados da presente pesquisa ficaram distantes do relatório KINSEY, que mostra um percentual maior: 64% de mulheres que utilizavam a fantasia sexual na masturbação, para 89% dos homens (KINSEY *et all.*, 1954:642). Há que se considerar que esses estudos foram feitos na década de 50.

### **- Busca de Recursos para as Fantasias Sexuais**

Verificou-se que, não houve diferença estatística significativa entre os gêneros. Os homens tiveram um percentual maior que as mulheres, somando-se as frequências (1) e (2),

quando a busca está relacionada a: livros e revistas; filme pornográfico; e através da Internet; eles, portanto, demonstram construir suas fantasias sexuais a partir de estímulos visuais com maior frequência que as mulheres. O único item em que as mulheres tiveram um percentual maior que os homens ainda que pouco, somando-se as frequências (1) e (2), foi quando os recursos para as fantasias foram aprendidos com alguém, representando 13,9% de mulheres e 11,5% de homens.

Esses resultados demonstram que, nesta amostra, as mulheres ainda estão um pouco tímidas na busca do seu prazer, não correspondendo muito ao que as revistas femininas demonstram: um perfil da mulher liberada, que costuma sair em busca de inovações sexuais. Contudo, há de se considerar que o perfil de mulheres desta amostra é de 74,8% com idade entre 17 e 25 anos, o que talvez possa justificar a baixa frequência com que buscam esses recursos.

#### **- Partes do Corpo que mais Despertam Fantasias Sexuais.**

Houve uma diferença estatística significativa, entre os gêneros, relacionada às partes do corpo que mais despertam fantasias sexuais, ou seja: nuca, pescoço, axilas, braços, costas, peitos/seios, orelhas, órgãos genitais, quadril, nádegas, pernas e pés.

As partes do corpo que as mulheres valorizam mais do que os homens, somando-se os itens (1) e (2), são: pescoço (mulheres 81,0%, homens 69,9%); costas (mulheres 80,8%, homens 67,9%); nuca (mulheres 75,7%, homens 56,7); braços (mulheres 44,9%, homens 33,9%); E as partes do corpo que os homens valorizam mais do que as mulheres, somando-se os itens (1) e (2), são: nádegas (homens 95,2%, mulheres 78,1%); pernas (homens 92%, mulheres 72,4%); peitos/seios (homens 91,9%, mulheres 82,6%); quadril (homens 80,3%, mulheres 45,7); os pés (homens 42,7%, mulheres 31,8%); e axilas (homens 23,7%, mulheres 9,6%).

Na afirmativa: “uma parte mais específica”, foram citadas as seguintes partes do corpo: boca, olhos, nariz, dentes, umbigo, ânus, língua, pêlos pubianos, pele, mamilos, unhas, sinais do corpo, sobrancelhas, períneo, tríceps e clitóris. Vale ressaltar que a boca teve um número expressivo em seu percentual, o que vai ao encontro às perspectivas evolucionistas de MORRIS (1974).

Foi observado também que o homem, embora valorize em primeiro lugar os órgãos genitais e as nádegas, ele,

assim como a mulher, valoriza todo o corpo no despertar das fantasias sexuais, o que não corresponde, nesta amostra, à visão de que, para o homem, o sexo é mais genitalizado do que para a mulher, visto que, ela também apresentou um percentual alto, no que diz respeito aos órgãos genitais, confirmando os estudos de KOLODNY, MASTERS e JOHNSON (1982, p. 285) de que os padrões de fantasias de homens e mulheres são mais semelhantes que diferentes.

#### **- Compartilhamento da Fantasia Sexual.**

Somando-se os itens (1), (2) e (3), os resultados demonstram que, em se tratando de parceiros fixos, mais de 50% de homens e mulheres compartilham suas fantasias sexuais. Isso mostra que, dentro de uma relação deste tipo, há mais cumplicidade, fator importante no compartilhamento das fantasias.

Os homens compartilham mais suas fantasias sexuais com parceiras eventuais do que as mulheres, o que comprova uma maior liberação masculina, para este tipo de encontro com fins sexuais; entretanto, o número de mulheres que nunca tiveram parceiros eventuais é bem representativo.

Comparando com o compartilhamento com parceiro fixo, em que as mulheres apresentaram um percentual de mais de 50% (somando-se os itens 1, 2 e 3) e com parceiro eventual apenas 21,4%, verifica-se que a mulher ainda não se sente totalmente livre para se expor em termos de sexo, quando ainda não tem muita intimidade com seu parceiro. Isso mostra ser reflexo de uma sociedade patriarcal, em que a mulher era criada para ter apenas um homem, o seu marido, e para sempre se relacionar visando “compromisso”. Ao se deparar com um parceiro eventual, ela não se afirma enquanto um ser, que tem a mesma liberdade sexual do que o homem. Este, por sua vez, sempre foi criado para chegar em qualquer relacionamento, seja com parceiro fixo ou eventual, com o mito de que ele é que pode tudo, sobre sexo.

#### **- Quem Propõe a Fantasia Sexual**

Observou-se que, para um pouco mais de 50% de homens e de mulheres, em se tratando de parceiro fixo, tanto um quanto o outro, podem propor fantasias sexuais. Através desta constatação, podemos supor que houve uma mudança nos papéis sociosexuais, pois a mulher se sente mais livre para compartilhar suas fantasias sexuais; já com parceiro eventual, esse índice é menor, porém, os homens ainda representam um percentual maior que as mulheres.



É interessante notar que 56,6% das mulheres, na tabela anterior, declararam nunca terem tido parceiros eventuais, e esse número passou para 63,8% (10% a mais), nesta questão.

Em se tratando de parceiro eventual, os homens propõem fantasias sexuais num percentual muito maior do que as mulheres. Novamente é importante ressaltar que os homens compartilham mais suas fantasias sexuais com parceiras eventuais do que as mulheres, entretanto, o número de mulheres que nunca tiveram parceiros eventuais é bem representativo, o que provavelmente explica essa diferença.

#### **- Sentimento em Relação à Proposta de Fantasia Sexual para o (a) Parceiro (a) Fixo (a).**

Verificou-se que o sentimento que apresentou diferença estatística entre os gêneros foi o de **vergonha**, apresentando um percentual maior entre as mulheres. Somando-se os itens (1) e (2) os homens estão representados por apenas 10,2% e, as mulheres por 20,4%.

Observou-se também que a maioria de homens e mulheres se sente à vontade em compartilhar suas fantasias sexuais com parceiros fixos. Somando-se os itens (1) e (2) os homens estão representados por 79,6% e, as mulheres por 68%. E os homens têm menos medo do que a parceira fixa vai pensar do que as mulheres.

Mais uma vez esses dados demonstram que, em relação a esta amostra, as mulheres estão conseguindo viver com mais liberdade a sua sexualidade com parceiros fixos.

#### **- Sentimento em Relação à Proposta de Fantasia Sexual para o (a) Parceiro (a) Eventual.**

Verificou-se que as afirmativas que apresentaram diferença estatística significativa entre os gêneros foram: “sinto-me à vontade” e o “sinto vergonha”; a primeira, somando-se os itens (1) e (2), mostra que os homens (53,15%) sentem-se mais à vontade que as mulheres (24,6%) quando o parceiro é eventual e a segunda, somando-se os itens (1) e (2), mostra que são as mulheres (44,3%) que têm mais vergonha nessas situações, do que os homens (22,9%).

Comparando estes dados com as percentagens encontradas para parceiros fixos e eventuais e somando-se os itens (1) e (2), os homens se sentem mais à vontade quando a parceiro é fixa (79,6%) do que quando é eventual (53,15%); as mulheres também, embora a diferença percentual seja bem maior, passando de 68% para 24,6%, havendo, portanto, uma queda maior entre elas. As mulheres, portanto, sentem-se bem menos à vontade do que os

homens, quando o parceiro é eventual. Os homens também sentem mais vergonha quando a parceira é eventual (22,9%), somando-se os itens (1) e (2), do que quando a parceira é fixa (10,2%), embora compartilhem mais suas fantasias com parceiras eventuais do que o grupo de mulheres estudado. Mulheres sentem ainda mais vergonha, quando o parceiro é eventual (44,3%) do que quando o parceiro é fixo (20,4%).

O resultado desta amostra não condiz com a imagem que as revistas femininas passam, a da mulher liberal, sedutora, que estimula e/ou realiza fantasias sexuais, disponível, que sabe tudo sobre sexo, o que acaba dificultando a relação de gênero.

#### **- Avaliação das Situações em que as Fantasias Sexuais são Criadas.**

As mulheres apresentaram os maiores percentuais, na avaliação “normal” nas afirmativas: “Fantasiar com meu (minha) próprio parceiro (a)”, “Fazer fantasias sexuais durante as relações sexuais”, “Fantasiar durante os jogos sexuais” e “Fantasiar com outra pessoa do sexo oposto”. E na avaliação “anormal” nas afirmativas: “Fantasiar com outra pessoa do mesmo sexo”, “Fantasiar com objetos” e “Fantasiar com mais de uma pessoa”.

Os homens apresentaram os maiores percentuais, na avaliação “normal” nas afirmativas: “Fantasiar com meu (minha) próprio parceiro (a)”, “Fazer fantasias sexuais durante as relações sexuais”, “Fantasiar com outra pessoa do sexo oposto” e “Fantasiar durante os jogos sexuais”. E na avaliação “anormal” nas afirmativas: “Fantasiar com outra pessoa do mesmo sexo”, “Fantasiar com objetos” e “Fantasiar nos mais diversos momentos do dia”.

É importante ressaltar as diferenças estatísticas significativas entre os gêneros: as mulheres apresentaram maior percentual de “aversão”, ao fazer fantasias durante suas masturbações, em fantasiar com mais de uma pessoa e em fantasiar com objetos, do que os homens. E as mulheres, também foram mais indiferentes, do que os homens, em fantasiar com objetos.

## **Aspectos Relacionados aos Tipos e Aspectos de Fantasias Sexuais**

### **- Visita a Lugares para Compra de Produtos para Estimular e/ou Colocar em Prática as Fantasias sexuais.**

Não foi observada diferença estatística significativa entre os gêneros. Os homens demonstraram visitar mais os sexshops virtuais do que as mulheres, mas ainda sim, ambos apresentam um percentual muito baixo para um mercado em expansão. Esta amostra não condiz com os dados da Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico (Abeme) que demonstra que 70% de frequentadores de sexshops são mulheres, que elas representaram 50% dos visitantes da Feira Erótica em 2004 e que esse mercado movimentava R\$ 700 milhões por ano no Brasil (Revista Marie Claire). É interessante observar que ambos em percentual maior utilizam outros lugares para comprar seus produtos. Dentre esses lugares, os mais citados foram lojas de lingerie, em seguida supermercado, lojas de variedades e livraria ou banca de jornal e por último, farmácia, motéis e vendedores autônomos.

### **- Qualificação dos Produtos e Serviços que Estimulam e/ou Colocam em Prática a Fantasia Sexual.**

Dos 16 produtos/serviços, foram selecionados os 5 que obtiveram uma qualificação melhor para ambos os gêneros, somando-se os itens (1) e (2):

As mulheres qualificaram, com alto percentual, os estímulos visuais, olfativos, táteis, gustativos e auditivos. Os homens também qualificaram, com alto percentual os estímulos, colocando o estímulo auditivo em percentual menor, 58,2%, somando-se os itens (1) e (2).

As mulheres se preocupam mais em vestir roupas sensuais para seus parceiros para estimular as fantasias sexuais, do que os homens. Pode-se dizer que é o resultado do investimento da indústria da moda e da beleza, direcionado ao público feminino. E conforme SUPPLY (1985), a idéia de que a mulher sempre tem que se preocupar em estar atrativa para seu parceiro continua, a ideologia não muda: “segure seu homem”.

Entretanto, embora o investimento da moda, da mídia e do mercado da beleza direcionado ao público masculino ainda não tenha o mesmo apelo que o feminino, as mulheres (64%, somando-se os itens 1 e 2) apresentaram um percentual significativo na qualificação de roupas sensuais para os homens. E os homens (58,3%, somando-se os itens 1 e 2) também

apresentaram um percentual significativo na qualificação de roupas sensuais para eles, mostrando uma mudança significativa no seu papel sociosexual. O resultado corresponde à visão de FRIDAY (1994), pois demonstra que o homem está se sentindo encorajado a buscar a beleza, mas, especificamente aqui, através do erotismo. Conforme SERAPIÃO (1997), o consumo de produtos ajuda a melhorar as condições de atratividade sexual. E melhorando a atratividade sexual, estimula-se as fantasias sexuais.

Na afirmativa “outros”, foram citados os seguintes produtos: calcinha comestível, gelo, alga e camisinhas com cheiro e gosto.

#### **- Utilização de Recursos nas Fantasias Sexuais.**

Os resultados demonstraram que os homens são mais visuais que as mulheres, mas a diferença não é significativa.

Somando – se os itens (1) e (2), verificou-se que as mulheres usam mais roupas íntimas sexys, fantasiam mais cenas tomando banho, fantasiam, mais que os homens, cenas com palavras românticas, cenas em que estejam fazendo strip-tease, com uso de sapato alto. Os homens, comparados às mulheres, assistem mais filmes eróticos, acessam mais sites eróticos, fantasiam mais com sexo em grupo, com cenas de prostituição, com cenas em que ele (a) esteja fazendo strip-tease, assistindo pessoas transando, com relações sexuais com estranhos, e em pessoas famosas.

Verificou-se também que as mulheres fantasiam mais com cenas românticas do que os homens, entretanto, somados os itens (1), (2) e (3), ambos apresentam percentuais altos, 83% e 75,7%, respectivamente.

Constatou-se que ambos apresentaram percentuais semelhantes no item (1) quanto à fantasia em que se está batendo no parceiro, mas apresentam diferença significativa nos itens (3) e (4). Novamente, ambos apresentaram percentuais semelhantes no item (1), quanto à fantasia com chicote; no entanto, as mulheres apresentaram percentual maior no item (3), correspondendo aos estudos de FRIDAY (1994), pois as fantasias sádicas, por parte das mulheres, estão no mesmo nível percentual dos homens, o que ela denomina de “inversão de papéis”, mas que a nosso ver, está havendo uma maior igualdade entre os gêneros.

## Conclusões

A realização desta Dissertação trouxe a oportunidade de conhecermos um pouco mais da sexualidade humana, dentro de um aspecto ainda pouco pesquisado, como as Fantasias Sexuais. Talvez o fato de ser pouco pesquisada, pelo menos num contexto mais contemporâneo, possa ser a tradução de uma Educação Sexual que ainda privilegie a prevenção e as patologias e afinal somos frutos deste contexto sócio-cultural.

Confirmou-se que existem vários motivos que levam homens e mulheres a fantasiarem, avaliando-se que tal prática faz parte da vida sexual de uma forma global, porém, os homens fantasiam mais em suas relações extra-conjugais. Isso nos faz crer que a maioria dos homens desta amostra ainda não consegue visualizar a liberdade sexual que a mulher vive hoje, vivendo sob antigos valores, demonstrando que fazem a velha distinção “mulher de casa” e “mulher da rua”, reflexo do modelo construído pela prática médica higienista no Brasil da “mulher-mãe”, cuidadora do lar e dos filhos.

Verificou-se que ambos os gêneros utilizam as fantasias sexuais predominantemente nas relações sexuais, mostrando limitações na produção de fantasias sexuais como aprendizagem para a vida sexual.

A busca de recursos para a fantasia sexual é pequena, não correspondendo ao que as revistas femininas demonstram: um perfil da mulher liberada, que costuma sair em busca de inovações sexuais. Aqui, as mulheres se apresentam tímidas, na busca do seu prazer.

A compreensão do sexo ainda se dá de forma genitalizada, para ambos os sexos, devido à preferência, de ambos, nos resultados, sendo reflexo de uma sociedade em que os meios de comunicação de massa usam e abusam do corpo e da sensualidade. Ao mesmo tempo, pode-se observar uma significativa mudança na importância dada às várias partes do corpo, para o despertar das fantasias, significando que se caminha para uma visão mais ampla do sexo.

Homens e mulheres se sentem mais à vontade com parceiros fixos, para compartilharem suas fantasias sexuais. Os homens compartilham mais suas fantasias com parceiros eventuais do que as mulheres, refletindo as consequências de uma sociedade patriarcal, em que a mulher tinha uma educação mais repressora do que o homem, sendo criada para ter apenas um homem, o seu marido e para sempre se relacionar visando “compromisso”. Assim, quando ela se depara com um parceiro eventual, não se afirma enquanto um ser que tem a mesma liberdade sexual do que o homem, enquanto o homem

sempre foi criado para chegar em qualquer relacionamento, seja com parceiro fixo ou eventual, com o mito de que ele é que sabe tudo sobre sexo.

Considerando o volume de propaganda e reportagens que são publicados principalmente nas revistas femininas e o investimento em lançamentos de produtos eróticos, homens e mulheres desta amostra compram com pouca frequência produtos eróticos, com baixa frequência em *sexshops*, tendo uma preferência por comprar seus produtos em outros tipos de lojas. Podemos supor que a sociedade brasileira ainda não vivencia o sexo como uma necessidade como outra qualquer, como comer, dormir, etc.; que o sexo é para fazer, não para falar, para sair às compras.

Os padrões de fantasias sexuais entre homens e mulheres apresentaram-se semelhantes, ressaltando que há uma dose grande de erotismo e romantismo em homens e mulheres, o que demonstra que está aumentando a igualdade nos papéis de gênero. Entretanto, nesta amostra, ambos fazem fantasias sexuais com regular frequência.

Essa pesquisa expressa que a mulher está assumindo um papel novo na esfera sexual, quando se compara com o exercido na sociedade patriarcal; contudo, ela não representa a mulher idealizada pela mídia e pelo sistema consumista. E que esse papel novo, não está sendo construído por nenhum sistema, e sim por ela mesma. Expressa também que o comportamento sexual da sociedade brasileira reflete as consequências de uma sexualidade construída conforme interesses, ora da igreja, ora do Estado, ora penalizando, ora adestrando, através de normas, rotulando e classificando comportamentos, disciplinando o corpo sexual.

Para que os papéis sociossexuais não sejam remodelados ou repaginados, de acordo com interesses de um poder dominante e para que a sexualidade seja vivenciada em sua plenitude, a Educação Sexual deve ser implementada com um enfoque global da sexualidade humana, e não somente abordando temas como: prevenção e DSTs; com uma abordagem reflexiva, e não apenas informativa, promovendo a interação entre os sexos.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a elaboração de novas atuações no campo da Sexologia, sejam elas, no campo social, educacional ou clínico.

## Referências Bibliográficas

- ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CAVALCANTI e CAVALCANTI. **Tratamento clínico das inadequações sexuais**. São Paulo: Roca, 1992.
- FISCHER, S. **O orgasmo da mulher**. São Paulo: Manole, 1978.
- FRIDAY, N. **Mulheres por cima. As fantasias sexuais das mulheres no pós-feminismo**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- GIL, M. A.; CASTRO, E. As novas regras do sexo – Até onde vai? **Revista Marie Claire**. Rio de Janeiro, n. 162, p. 65-74, set./2004.
- GOLDENSON, R.; ANDERSON, K. **Dicionário do sexo**. São Paulo: Summus Editorial, 1992
- HEIMAN, J. R. & LO PICCOLO, J. **Descobrimo o prazer uma proposta de crescimento sexual para a mulher**. São Paulo: Summus, 1992.
- KINSEY, A. C. **Sexual behavior in the human male**. Philadelphia, USA, W.B.: Sanders Company, 1953.
- KINSEY, A. C. et all. **Conduta sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.
- KOLODNY, R. C., MASTERS, W. H. e JOHNSON, V. E. **Manual de medicina sexual**. São Paulo: Manole, 1982.
- MORRIS, D. **Comportamento íntimo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- RIBEIRO, M. **Revista Desfile**. Rio de Janeiro, n. 307, mai/1995.
- SERAPIÃO, J. J. Interdisciplinaridade em sexologia. In: ANDRADE –SILVA, M.C., SERAPIÃO, J. J., JURBERG, P. (Org.). **Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, p. 09-23, 1997.
- SUPLICY, M. **De Mariazinha a Maria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE, L. de. **Indústria do sexo**. Revista Marie Claire. Rio de Janeiro, n. 166, p. 40-45, jan./2005.
- ANNON, J. S. **Tratamento comportamental dos problemas sexuais: terapia breve**. São Paulo: Manole, 1980.
- ARAÚJO, M. L. M. de. História crítica da sexualidade. In: ANDRADE – SILVA, M. C., SERAPIÃO, J. J., JURBERG, P. (Org.). **Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, p. 24-66, 1997.

- BONATO, N. M. da C. **Educação [sexual] e sexualidade**: o velado e o aparente. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.
- BUITONI, D. S. **Imprensa feminina**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BUSS, D. M. **The evolution of desire** – strategies of human mating. New York: Basic Books, 1994.
- CAMPOS, V. As fantasias sexuais segundo as mulheres. In: **The Best Big Man Internacional**, ed. 218, ano IX, n. 6-A.
- CARDOSO, P. F. **As revistas femininas e a abordagem da sexualidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1996.
- CARIDADE, A. A construção cultural da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente, p. 13-24, 1999.
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- CAVALCANTI e CAVALCANTI. **Tratamento clínico das inadequações sexuais**. São Paulo: Roca, 1992.
- CHARTAM, R. **Guia para o amor sensual**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DEL BIANCO, K.; BERLINK, T. B. – Eles merecem. **Revista Marie Claire**. Rio de Janeiro: Globo, n. 161, p. 136-140, Ago-2004.
- FERRÉS, J. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- FLAKE, J. The War Against Pornography. **Newsweek**, 18 March 1985.
- FISCHER – MIRKIN, T. **O código do vestir**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- FREUD, S. Escritos criativos e devaneio. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987 (1908).
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GAUDÊNCIO, P. “Fantasia sexual: saúde ou doença?” In: COSTA, M. (coord.). **Amor e sexualidade**. A resolução dos preconceitos. São Paulo: Gente, 1994.
- HARVEY, J. **Homens de preto**. São Paulo: UNESP, 2003.
- JURBERG, M. B., JURBERG, P. Atração sexual: principais estímulos segundo a biologia e a psicossociologia. **Scientia Sexualis**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, v. 4, n. 3, p. 45-73, 1998.
- KAPLAN, H. S. **Manual ilustrado de terapia sexual**. São Paulo: Manoele, 1978.
- LADEIRA, A. L.S. **A influência da mídia e os estereótipos corporais**. Rio de Janeiro. Escola da Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001. Dissertação de Mestrado.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LINTON, R. O indivíduo, a cultura e a sociedade. In: IANNI, O. & CARDOSO, F.H. **Homem e sociedade**. 11ª ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- MARCONDES, C. F. **Quem manipula quem? Poder e massa na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.



- MARINHO, A.; CLÉBICAR, T. Jogos de amor. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 5 jun. 2005. Revista, p. 34.
- MASTERS, W. H., JOHNSON, V. E., KOLODNY, R. C. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MASTERS, W. H. e JOHNSON, V. E. **O vínculo do prazer**. São Paulo: Record/Círculo do Livro, 1975.
- MONESI, A. É permitido fantasiar. **Revista Viver Psicologia**, 2001. Ano IX, n.99.
- MONTEIRO, D. da M. R. **Mulher: feminino plural: mitologia, história e psicanálise**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- NICK, E.; CABRAL, A. **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- OBJETOS DO DESEJO. **Revista Cláudia**. Rio de Janeiro, n. 186, out/2004.
- ROCHA, E. P. G. **A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995, p.152.
- ROHENKOHI, C. M. F. **Brincar para evoluir**. Revista Viver Psicologia. São Paulo: 2002.
- SANTOS FILHO, j. c. dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: Silvio Sánchez Gamboa (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, p. 13-59, 1995.
- SELLTIZ, WRIGHTSMAN L. e COOK S., **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.
- SILVA, A. C. **A sexualidade comparada**. Fundamentos bio-antropológicos da terapia sexual. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- SIMONETTI, C. Mercado de paixões – a influência da mídia no comportamento sexual infantil. In: RIBEIRO, M. (Org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente, p. 69-74, 1999.
- STEELE, V. **Fetiche: Moda, sexo e poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- STEKEL, W. **Sexual aberrations: The phenomenon of fetishism in relation to sex**. Nova York: Liveright, vol. 1, 1971.
- THEODORO, H. Buscando novos caminhos através da educação. In: ANDRADE – SILVA, M. C., SERAPIÃO, J. J., JURBERG, P. (Org.). **Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, p. 229-248, 1997.
- VAN USSEL, J. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- VITIELLO, N. **Os meios de comunicação de massa e os adolescentes**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 1993, Vol. 4.

<http://camanarede.terra.com.br/> O sexo e as roupas. Acesso em: 03/03/2005.

<http://www.erotikafair.com.br/atracao.html>. Acesso em: 10/04/2005

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT639153-1664-1,00.html> Acesso em: 03/03/2005

<http://www.siteg.com.br> Acesso em: 05/05/2005

## **ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO**

# RELATIVIZANDO O SADOMASOQUISMO PARA UMA NOVA ABORDAGEM SEXOLÓGICA

*Fernando Luiz Cardoso<sup>1</sup>*

## *REVIEWING THE CONCEPT OF SADOMASOCHISM FOR A NEW SEXOLOGICAL APPROACH*

**Resumo:** Este artigo discute um assunto extremamente polêmico na cultura brasileira e ainda recente na academia e no meio clínico – o sadomasoquismo. Ao discutir as práticas e os significados do mundo sadomasoquista em um sentido introdutório, conceitual, crítico e científico, invariavelmente temos de tocar nas já tão discutidas relações de gênero e poder. Este artigo traz algumas contribuições sobre como as relações dicotômicas como masculino e feminino, dominante e dominado tornam-se um potente combustível nas relações eróticas consideradas marginais, independentemente da orientação sexual de seus participantes. Tem como maior contribuição relativizar o conceito de normalidade e de doença no meio clínico e acadêmico.

**Palavras-chave:** Sadomasoquismo; sexualidade; gênero; corporeidade.

**Abstract:** This article discusses an extremely controversial and still recent subject in the Brazilian culture and in the clinic and academic environments – the sado-masochism. When discussing the practices and the world sado-masochist's meanings in an introductory, conceptual, critical and scientifically sense, we have invariably to talk on genders roles and power relationships. This article brings some contributions on, as the relationships between masculine and feminine, dominant and dominated become a potent fuel in these said erotic and marginal relationships, independent of ones participants' sexual orientation. Its larger contribution is to question the concept of normality and of disease in the clinic and academic environment

**Keywords:** Sado-masochism; sexuality; gender; body awareness

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto junto ao Programa de Mestrado em Ciência do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestre em Antropologia Social pela UFSC, Mestre em Saúde Pública pelo IASHS (EUA) e Doutor em Sexualidade Humana pelo IASHS (EUA). e-mail: [d2flc@udesc.br](mailto:d2flc@udesc.br)

## **Introdução**

Pode-se dizer que, depois da transexualidade e da homossexualidade, o sadomasoquismo é um dos últimos grandes tabus da sexualidade humana ou, até mesmo, um grande ícone do que seja considerado desviante e repugnante em termos de sexualidade humana. Quando se aborda esse fenômeno, inclusive nos círculos acadêmicos, percebe-se que o assunto está carregado de um simbolismo bárbaro, hediondo, irracional e violento. No entanto, a literatura acadêmica atual e o convívio com as comunidades e organizações sadomasoquistas expressam uma realidade muito diferente.

“Sadomasoquismo” (ou S & M, tal como o denominam os norte-americanos) é um termo combinado que tem sido tradicionalmente usado para designar o dar e receber dor com objetivo de gratificações eróticas. Existem dois pontos estratégicos para se entender esse fenômeno de um ponto de vista antropológico ou sociológico: ele ocorre em um contexto “clandestino” e é viabilizado através de uma organização social mínima.

Durante muito tempo, as práticas sexuais sadomasoquistas foram tratadas como um comportamento patológico. Freud (1983) descreveu o masoquismo como uma perversão, enquanto Stekel (1953) relacionou o masoquismo ao canibalismo, à criminalidade, ao vampirismo, ao assassinato em massa, à necrofilia, à epilepsia, à pederastia e a demais práticas dessa ordem. Reik (1941), por sua vez, disse que todos os neuróticos são masoquistas. Além disso, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DMS-IV, 1994) da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria, o sadomasoquismo é considerado um transtorno psicosssexual. Isso significa que qualquer pessoa que se engaje regularmente em práticas sexuais sadomasoquistas é considerada, por definição, mentalmente doente.

No entanto, estudos mais recentes mostram-nos um cenário completamente diferente. Observações empíricas têm descrito os praticantes do sadomasoquismo como pessoas extremamente típicas, ao menos no que tange ao cotidiano de suas vidas. Scott (1983) descreveu a participação em práticas sadomasoquistas de mulheres mais

educadas e com salários e ocupações profissionais acima da média da população norte-americana. Spengler (1977), que estudou alemães sadomasoquistas, descreveu-os como sendo representantes da classe alta e de um grupo de pessoas muito bem-sucedidas na vida. Janus, Bess e Saltus (1977), que estudaram o perfil de homens poderosos, ficaram surpresos com a grande quantidade de atividades sexuais masoquistas entre políticos de sucesso e outras figuras de influência. Hayden (2003) psicoterapeuta especializada em fetiches e dependentes de sexo, também tem uma visão bastante positiva dos sadomasoquistas. De acordo com a autora, os seus pacientes não parecem imaturos ou inferiores e, muito pelo contrário, têm demonstrado que são pessoas bem-sucedidas, segundo os modelos vigentes para a vida profissional, sexual, emocional e cultural nos Estados Unidos, em suas relações afetivas com parceiros ou amigos. Além disso, apresentam um “bom caráter”, bem como um forte senso de ética e de responsabilidade pessoal.

Assim como muitos outros comportamentos humanos, o sadomasoquismo é profundamente influenciado, estruturado e significado a partir das relações típicas de gênero e poder vigentes em nossa sociedade. Se nas relações de gênero trabalhamos com categorias binominais como macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino, no sadomasoquismo empregamos uma dualidade analítica similar, como sádico-masoquista, dominante-dominado, mestre-escravo, etc.

Este artigo tem como principal objetivo apresentar e desconstruir essa percepção equivocada e moralista das práticas sadomasoquistas, além de discutir as relações de gênero e poder intrínsecas a essas atividades, como o atual fenômeno da organização política sadomasoquista que busca maior visibilidade e aceitação social nos Estados Unidos.

## A Organização Civil Sadomasoquista

Todos os anos, aproximadamente 300 mil pessoas interessadas em roupas e apetrechos de couro, de látex e outros fetiches comparecem à maior festa pública sadomasoquista do mundo em São Francisco, na Califórnia (EUA). A Folsom Street Fair, que neste ano realizará a sua vigésima versão, é considerada a maior celebração das desviantes formas de se amar, esboçando uma forte organização política.



Foto 01: Bandeira do movimento S&M nos Estados Unidos (Cardoso, 2001)

Essa festa surgiu com o intuito não só de confraternizar os adeptos do sadomasoquismo e de outras minorias sexuais, como também de resgatar a dignidade de uma vizinhança estigmatizada pelos submundos do sexo, da prostituição, do álcool, das drogas, da pobreza e da marginalização. Para os seus praticantes, “sair do armário” como seres “anormais” e “estranhos” significa denunciar e expor as atitudes hipócritas da nossa sociedade, que privilegia a liberdade e a democracia



formal, mas nega a existência das minorias constituintes dessa mesma sociedade. Não é à toa que a “Folsom Fair” tem pleno apoio da comunidade gay em São Francisco.



Foto 02: Vista parcial da Folsom Fair Street/ 2001 (Cardoso, 2001)

A festa acontece em um único dia no final de setembro, em pleno Indian Summer (o verdadeiro verão de São Francisco), das 9h às 17h, na rua Folsom, situada entre a sétima e a décima segunda rua no coração da cidade. A comissão organizadora, que conta com o apoio de muitos voluntários, restringe o acesso à festa com o objetivo de arrecadar doações em dinheiro dos seus visitantes e participantes. Além das doações individuais voluntárias, todo e qualquer lucro oriundo da venda de comida e bebida é revertido para instituições beneficentes que apóiam programas de ajuda e pesquisa em AIDS, por exemplo. A festa de 2002 arrecadou US \$ 291.000 dólares.

Além de muita música, bebida e comida, o visitante tem a oportunidade única de se deparar com cenas fortes, pesadas, bizarras e por vezes engraçadas no tocante à sensualidade e à sexualidade humanas. Demonstrações públicas de espancamentos com a utilização de inúmeros e diversos apetrechos, surras com sonoros chicotes, exposição de variadas técnicas de bandagem e imobilização e demonstrações públicas de sexo solitário, em casais ou em grupos, são algumas das atrações que mais chamam a atenção dessa festa inusitada.

			
<p>Foto 03: Típica figura de uma mulher dominadora (Cardoso, 2001).</p>	<p>Foto 04: O uso do relho de couro em homens masoquistas (Cardoso, 2001).</p>	<p>Foto 05: O uso da palmatória de couro em um homem submisso (Cardoso, 2001).</p>	<p>Foto 06: Mulher dominadora em uma performance jocosa usando uma palmatória de madeira (Cardoso, 2001).</p>

			
<p>Foto 07: Demonstração pública de bandagem e obediência entre homens homossexuais.</p>	<p>Foto 08: Demonstração pública de humilhação entre parceiros homossexuais.</p>	<p>Foto 09: Demonstração pública de obediência entre parceiros homossexuais.</p>	<p>Foto 10: Típica cena de bandagem.</p>

(Fotos retiradas de sites abertos na internet)



## **Contextualização Histórica**

Sadismo e masoquismo foram inicialmente introduzidos com certa consistência científica pelo psicanalista Richard von Krafft-Ebing. Em sua obra “Psychopathia Sexualis”, publicada em 1885, Krafft-Ebing definiu sadismo como uma experiência sensível prazerosa do sexo produzido a partir de atos de crueldade e submissão de outros a punições corporais, podendo ser humanos ou animais. Ele acrescenta que esse sentimento consiste em um desejo “natural” de humilhar, torturar, machucar ou até mesmo destruir o outro com o intuito de criar prazer sexual. O termo sadismo deriva-se de Marquês de Sade, um nobre escritor francês que viveu entre o final de século XVIII e o início do século XIX. Muitas das histórias e novelas de Sade incluem paixão, assim como crueldade, dor e humilhação como forma de prazer sexual. Krafft-Ebing derivou o termo masoquismo do nome de Leopold von Sacher-Masoch, cujas novelas, como “Vênus in Furs”, refletiam sua pessoal preocupação erótica com a dor, a humilhação e a submissão (WEINBERG & KAMEL, 1983).

Literatura e escritos que abordam o masoquismo surgiram inicialmente no século XVII na Europa (TAYLOR, 1970; BULLOUGH, 1976). Segundo historiadores da sexualidade humana, o fenômeno masoquismo não é evidenciado até por volta do século XVIII, quando então sua prática torna-se notória no velho continente. Nas evidências históricas oriundas do século XVIII, existem inúmeras referências a prostitutas especializadas em flagelação (BENJAMIN & MASTERS, 1965; TANNAHILL, 1980). No século XIX, muitos dos grandes bordéis já contavam com prostitutas especialistas e nas grandes cidades existiam bordéis voltados somente à prática da flagelação (TANNAHILL, 1980).

## **Contextualização Teórica**

A posição teórica prevalente desde Freud tem sido a de que o masoquismo é uma derivação do sadismo. Assim, muitos teóricos têm assumido essa forte ligação entre sadismo e masoquismo, enfatizando que o sadismo por ser, a princípio, o comportamento mais importante e fundamental. Entretanto, várias evidências

contradizem tal percepção, por exemplo, os masoquistas são aparentemente em um número muito maior do que os sádicos em relação aos heterossexuais (JANUS, BESS & SALTUS, 1977; FRIDAY, 1980; SAMOIS, 1982; SCOTT, 1983), fato que se repete entre os homossexuais (KAMEL, 1983; LEE, 1983; SCOTT, 1983) e entre as lésbicas (CALIFIA, 1983). Em suma, o peso das evidências empíricas não sustenta a percepção teórica inicial de que o masoquismo seja uma derivação do sadismo, mas sim o contrário, isto é, o masoquismo seria anterior ao sadismo e mais fundamental, embora sejam necessários mais estudos explicativos a fim de melhor situar essa possível relação causal, se é que existe.

Geralmente, os críticos do sadomasoquismo, como algumas feministas no passado, baseavam-se a sua visão sobre tais práticas como sendo atividades que endossam a opressão e a violência, incluindo as brutalidades nazistas, os genocídios, as torturas medievais, o estupro, etc. O problema é que essas críticas tornam-se infundadas, na medida em que comprovamos que o masoquismo é mais recorrente entre brancos do que entre negros, entre homens do que entre mulheres, entre as classes mais educadas do que entre as classes populares (SPENGLER, 1977; SYMANSKI, 1981; SCOTT, 1983).

John Money (1998) classificou o comportamento sexual humano como normofílico e parafilico. Por normofilia, Money entende o mapa amoroso típico da maioria numérica da população que consegue articular amor e sexo em um mesmo objeto de prazer, ou seja, em uma mesma pessoa. O mapa amoroso normofílico também apresenta diferentes níveis dessa articulação entre amor e sexo. Algumas pessoas não conseguem separar esses dois aspectos e praticam sexo apenas quando amam, ao passo que outras conseguem distinguir e viver somente o sexo em algumas situações.

Por parafilia, Money compreende o mapa amoroso de uma minoria da população que tem dificuldades de conciliar, mesmo que eventualmente, amor e sexo. Assim, o parafilico desenvolveria uma sexualidade considerada por muitos como exótica ou “desviante”, pois inclui outros aspectos incomuns em sua vida sexual típica. Enfim, segundo Money, o sadomasoquismo seria um tipo de parafilia na qual não se consegue, ainda que se tente, reunir em uma única pessoa amor e desejo sexual.

No entanto, as pesquisas aqui referenciadas (BAUMEISTER, 1988; HAYDEN, 2003) evidenciam que os sadomasoquistas não têm nada de diferente em seus mapas amorosos em termos de amor e sexo; eles apenas adicionam algo mais. Casam-se ou estabelecem relações amorosas duradouras, além de ter amigos e conhecidos que compartilham os seus interesses.

Muitas são as tentativas de generalizar o comportamento masoquista como um comportamento autodestrutivo (STEKEL, 1953; LEWIN, 1980; SHAINNESS, 1984; FRANKLIN, 1987) pelo fato de os masoquistas procurarem machucar-se física e psicologicamente. *Stricto sensu*, se os masoquistas assumem que procuram a dor, e a dor geralmente é tida como um alarme biológico contra possíveis danos à saúde e à vida humana, tem-se a impressão de que eles se autoflagelam. O que se percebe nas práticas sadomasoquistas é que os masoquistas persistentemente – e realmente – procuram a dor, porém evitam cuidadosamente se machucar nessas atividades. Este é um de seus principais lemas: a promoção gradual da dor deve ser acompanhada de cuidados no sentido de evitar qualquer tipo de ferimento a quem se submete à arte do seu mestre. Os sadomasoquistas transgridem os limites da violência simbólica ritualizando em termos de comportamento os estereótipos das relações de poder com o objetivo de eliciar o erótico para quem participa.

Portanto, a questão masoquista pela procura da dor deve ser entendida a partir de outros motivos que apenas o simples desejo de se ferir. Segundo Baumeister (1988), o masoquismo representa uma tentativa sistemática de erradicar temporariamente importantes estruturas perceptivas do ego, um agente ativo que faz escolhas e toma iniciativa. Assim, nas sessões de sadomasoquismo, a parte do indivíduo responsável por avaliações interativas com o meio ficaria temporariamente eliminada, como se ele “tirasse férias” de si mesmo.

Por que, então, as pessoas desejariam escapar de si mesmas ou perder a consciência temporária do que são? Em muitas situações cotidianas, diante de experiências frustrantes, humilhantes ou estressantes, manter um contato íntimo com o ego pode tornar-se incômodo e desconfortável, o que estimularia uma aversão do próprio indivíduo a continuar em constante consciência de si mesmo. Esse desejo intrínseco tem

sido relacionado na literatura ao uso do álcool (HULL & YOUNG, 1983, 1981; HULL, YOUNG & JOURILES, 1986) e do cigarro (LIEBLING, SEILER & SHAVER, 1974; WICKLUND, 1975). Seria plausível também que as fugas de consciência do seu próprio ego estivesse relacionadas a outras atividades recreativas, como praticar esportes, assistir a filmes e ingerir drogas.

Essa teoria poderia explicar por que o masoquismo é tão popular entre os poderosos homens com forte auto-estima estudados por Janus e colaboradores (1977). Níveis elevados de auto-estima e responsabilidade produzem egos mais complexos e elaborados, o que, por outro lado, também produz egos mais ansiosos por fugas de si mesmos. Essa hipótese poderia ser tomada como um bom suporte para uma idéia menos monolítica de poder anteriormente difundida por Foucault (1985).

De acordo com Baumeister (1988), existem duas formas básicas de se escapar da percepção normal e familiar de si mesmo: centralizar a autopercepção de si no seu próprio corpo como uma forma mais imediata e concreta de experiência, ou criar, fantasiar uma identidade que seria totalmente diferente da sua, principalmente negando aqueles traços pessoais que impedem uma razoável administração de conflitos internos tão incômodos. Resumindo, a dor masoquista pode funcionar como uma técnica para remover o alto nível de percepção de si, à medida que promove um baixo nível de autoconsciência de si mesmo enquanto objeto. A dor diminui o nível de autopercepção de si de um nível mais simbólico para um mais concreto – o corpo físico.

### **Contextualização Clínica**

Tem-se tornado praticamente um dogma para o pensamento psicanalítico que o masoquismo seja uma condição sexual na qual a punição é um dos requisitos antes de se atingir a satisfação. Freud interpretou esse fenômeno como o resultado de um sentimento inconsciente de culpa que exige punição por parte da autoridade paterna ou materna. Em 1919, encontrou a gênese e um ponto de referência para o masoquismo dentro da sua ideia do complexo de Édipo. Assim, para Freud, o masoquismo surgiria na sexualidade infantil quando o desejo incestuoso pelo pai ou pela mãe deve ser reprimido. A culpa faz-se presente nesse ponto em conexão com o desejo incestuoso. As figuras do pai e da

mãe transformam-se em um atributo da punição, em vez do amor, e surge daí o desejo de ser batido, espancado, maltratado, etc. A fantasia de ser espancado transforma-se em um ponto de encontro entre o sentimento de culpa e o desejo amoroso; independentemente de sentir dor ou não, a punição desejada pelo masoquista é desfrutada por si só. A punição e a satisfação produzem prazer, assim como a humilhação. Ao referir-se ao masoquismo como uma perversão, Freud situou-o para sempre no campo da aberração (FREUD, 1953).

Segundo os relatórios clínicos de Hayden (2003), os submissivos geralmente relatam um sentimento de fuga, liberdade e expansão de si mesmos nas cenas sadomasoquistas, em que as próprias defesas internas são destruídas. Eles relatam uma experiência de completa vulnerabilidade. A autora acredita que essa tensão é um desejo por algo no ambiente que torne possível uma rendição do ego em um sentido proveitoso de desmascarar o seu falso *self*.

O falso *self* é uma idéia desenvolvida por Freud, a qual postula que a maioria dos pais requer que suas crianças comportem-se adequadamente para receber o seu amor.

Como para a criança o amor dos pais é uma questão de sobrevivência, ela se molda de acordo com as expectativas dos seus pais. O falso *self* é geralmente um vigia do *self*. A exposição a uma situação de submissão e humilhação às vezes permite que anos de esforços empenhados na construção dessa barreira sejam rompidos, o que estimularia o desejo do nascimento ou o surgimento do seu verdadeiro *self*. No fundo, surge o desejo de desistir ou de abandonar esse falso *self* como parte do desejo maior de se conhecer e ser reconhecido. A perspectiva de rendição do falso *self* pode ser acompanhada por um sentimento de medo, alívio e êxtase. A intensidade do masoquismo seria uma testemunha viva da urgência de algumas partes escondidas da personalidade que está exigindo ser libertada. A rendição seria nada mais do que a dissolução controlada das fronteiras do *self* (HAYDEN, 2003).

As técnicas psicoterapêuticas têm sido dirigidas para construir egos mais fortes, vigilantes e racionais. Esses valores do ego são certamente muito importantes para o equilíbrio psicológico do indivíduo, mas ao mesmo tempo contribuem para desativar muitos sentimentos após anos de terapia. Assim, construir egos fortes é apenas uma

parte da tarefa, pois nesse processo geralmente negamos outras partes cruciais do ser humano. Nesse sentido, Jung (1964) nos traz algumas contribuições para melhor entendermos o masoquismo. Podemos imaginá-lo como uma construção que Jung chama de “sombra” – a porção escura do ser, a sua maior parte imersa no inconsciente. A sombra seria um túnel, um canal ou um ducto através do qual seriam atingidas as dimensões mais profundas da psique. Ao atravessar esse túnel, ou romper as defesas do *self*, o ser sente-se reduzido e degradado. Em geral, tentamos trazer a nossa “sombra” sob o controle e a dominação dos nossos egos. Admitir a existência da “sombra” providencia um completo senso de autoconhecimento, auto-aceitação e uma sensação de estar vivo. A ideia de “sombra” de Jung envolve força e passividade, beleza e horror, poder e impotência, força e fraqueza, sabedoria e infantilidade, sensatez e insensatez. A submissão à dor masoquista, a perda de controle e a humilhação servem para admitir a existência da nossa “sombra”, em vez de negá-la (JUNG, 1981).

As teorias psicológicas ajudam-nos a contextualizar esse fenômeno; porém, devido à falta de evidências mais concretas, não dão conta de explicá-lo.

### **Contextualização nos Estudos do Gênero**

Os estudiosos e estudiosas do gênero por muito tempo mantiveram-se afastados das questões relativas ao sadomasoquismo, seja pela pouca visibilidade dessas práticas, seja pela ainda pouca produção teórica no mundo. No Brasil, pesquisas sobre violência na área do gênero só aparecem quando a problemática sobre a violência contra a mulher passou a existir como problema social a partir das lutas feministas no início dos anos 80 e com a posterior criação das delegacias da mulher (CORREA, 1981; CHAÚÍ, 1985; AZEVEDO, 1985; ARDAILLON & DEBERT, 1987; BESSE, 1989; GREGORI, 1992; PACHECO, 1995; FONSECA, 1995; GROSSI, 1998).

Grossi (1998) resume as contribuições acadêmicas sobre a violência contra a mulher no Brasil a partir de dois paradigmas básicos: o primeiro é que vivemos em uma sociedade com valores patriarcais, na qual os homens usam a sua violência para controlar e submeter as mulheres aos seus desígnios; o segundo é que não se pode isolar

o pólo da mulher para entender a violência em uma relação afetivo/conjugal como uma via de mão única.

Autores que trabalham com o paradigma da violência masculina geralmente apóiam-se nos pressupostos teóricos de Bourdieu (1996) e Hérítier (1989). Embora esse primeiro paradigma seja o mais difundido, a relativização dessa percepção mais monolítica começou a se desconstruir a partir das contribuições de Foucault (1985), Strathern (1988) e Correa (1999).

Na atualidade, Grossi (1998) salienta a necessidade de perceber a violência contra a mulher a partir da interação de cada casal, assim como a partir do contexto cultural no qual esse vínculo afetivo/conjugal está inserido. Assim, criou-se um ambiente propício para empreender nos estudos de gênero maiores esforços para entender o sadomasoquismo não mais como um fenômeno hediondo e repugnante, e sim como mais um aspecto do *anthropos* humano, operando nas relações de gênero como um todo. A dominação passa a não ter mais um gênero definido, apresentando um caráter transitório entre os pares envolvidos.

### **Comportamento Sexual nas Práticas Sadomasoquistas**

As causas da excitação sexual ainda não são totalmente compreendidas, mas já existem certas evidências que justificam algumas especulações relacionadas ao sadomasoquismo. Muitas dessas especulações estão ligadas à idéia do nível de consciência de si próprio e do nível de prazer e excitação sexual. Alguns teóricos acreditam que um completo prazer sexual só pode ser experimentado quando os indivíduos conseguem deixar à parte sua própria autoconsciência, colocando-se como seres autônomos e independentes dos seus laços sociais. Por exemplo, de acordo com LoPiccolo (1978), o direcionamento do sexo enquanto mera performance ou conquista pode afastar as pessoas do real excitação e da funcionalidade sexual – o processo.

O trabalho de Master e Johnson (1970) precede os estudos de psicologia social da autopercepção, mas os seus achados parecem envolver alguns aspectos desse conceito. As técnicas de terapia sexual propostas pelos autores em um dos mais conhecidos

programas clínicos de sexualidade têm um importante paralelo com as atividades sadomasoquistas, como, por exemplo:

- há uma grande ênfase no isolamento social dos parceiros sexuais das demandas do dia-a-dia;
- o que Master e Johnson chamam de “foco sensível” em seu programa envolve atenção direcionada para as sensações mais imediatas, o qual parece ser o mesmo foco das atividades sadomasoquistas;
- a terapia de Master e Johnson enfatiza o casal em relação ao indivíduo, semelhantemente ao que ocorre nas práticas sadomasoquistas;
- propõe-se o uso terapêutico da técnica da permissão pelo terapeuta que controla todo o processo, tal como nos jogos sadomasoquistas, em que também há similar permissão, comandos e restrições;
- o uso de técnicas nas quais o paciente com problemas de ejaculação precoce ou dificuldades de ereção deve submeter-se a comandos de outros, tal como nas práticas sadomasoquistas, em que se impõe a passividade ao dominado.

Considerando essas similaridades de técnicas, mesmo que em diferentes contextos, pode-se dizer que as práticas sadomasoquistas poderiam em princípio aumentar a excitação sexual, já que o masoquismo seria interessante para indivíduos que desejam melhorar a sua insegurança sexual e aumentar a intensidade de suas sensações e experiências. Além disso, os jogos sexuais sadomasoquistas geralmente duram mais do que as carícias típicas que precedem as práticas sexuais tradicionais e têm maior tempo de exposição da nudez e do contato corporal, o que permitiria condições mais favoráveis de se atingir maiores níveis de excitação sexual.

Alison e colaboradores (2001) estudaram 184 sujeitos (22 mulheres e 162 homens) membros de clubes sadomasoquistas através de um questionário semi-estruturado contendo vários itens relacionados a variedades de comportamentos sexuais. Usando uma análise estatística de multivariância, emergiram quatro diferentes cenários em termos qualitativos: hipermasculinidade, administração e recebimento de dor, restrições físicas e humilhação psicológica. Embora esses temas já tivessem sido sugeridos



anteriormente, este foi o primeiro estudo científico que comprovou com bases empíricas tal caracterização da sexualidade sadomasoquista baseada na tradicional percepção unilinear do poder masculino dominante subjugando o feminino.

Em uma sessão sadomasoquista, o pré-requisito é a presença da dicotomia “dominante-dominado”, que não está condicionada diretamente à orientação sexual ou ao sexo biológico do parceiro. Homens e mulheres, heterossexuais ou homossexuais podem assumir ambas as posições de dominante e dominado. No entanto, nas cenas homossexuais, geralmente o dominante também é o ativo ou o penetrador, uma vez que o dominado está impedido de tomar qualquer iniciativa.



Foto 11: a relação dominante-dominado entre homossexuais.

Contudo, até mesmo essas posições podem ser negociadas previamente. Por exemplo, se dois homossexuais supostamente dominantes têm interesses sexuais recíprocos, um deles pode abrir mão da sua posição de dominante com o objetivo de viabilizar o prazer de ambos (KAMEL, 1983).

Talvez a grande contribuição dos sadomasoquistas nas discussões sobre as relações de poder esteja na valorização, no exagero e na visibilidade da polarização entre dominante e dominado, mas assumem e dão visibilidade também à possibilidade de que

essas posições sejam invertidas e negociadas com o objetivo de propiciar práticas sexuais mais prazerosas para ambos. Assim, os estereótipos de dominante/dominado e masculino/feminino são fundamentais na contextualização das práticas sadomasoquistas, porém as decisões e as negociações interpessoais são a força motriz de todo esse processo – a ritualização controlada, acordada e concedida da violência. No cotidiano, tal violência adquire um caráter descontrolado de oprimir, degradar e até mesmo matar. Desse modo, o dito popular “Quem ama não mata” só faz sentido para os sadomasoquistas.

Em geral, os sadomasoquistas heterossexuais e homossexuais estão socialmente organizados em distintos guetos que acomodam as suas respectivas necessidades de parceiros e prazer sexual. Os homossexuais sadomasoquistas, via de regra, têm mais opções sociais, devido à crescente organização social gay que comumente é menos preconceituosa com relação a tais práticas e seus praticantes (KAMEL, 1983).



Foto 12:  
somasoquismo  
homossexual.

Apesar de os sadomasoquistas serem uma minoria nas comunidades gays, sempre existe um bar, uma danceteria, uma sauna ou um clube de sexo que reserve e promova um dia da semana especialmente para esse grupo nas grandes cidades pelo mundo afora. Segundo Weinberg e Falk (1983), os heterossexuais têm bem menos possibilidades de acesso a esses lugares, tendo que se restringir a anúncios em revistas especializadas, a prostitutas especializadas ou a encontros casuais. Com exceção de poucas cidades no mundo, como São Francisco, Nova York e Amsterdã, quase não existem ambientes públicos como bares ou clubes de sexo especializados para os sadomasoquistas heterossexuais. Breslow (2003) encontrou uma grande diferença em relação à frequência a bares e clubes de sexo sadomasoquistas entre heterossexuais e homossexuais: 8% dos heterossexuais e 42% dos homossexuais afirmaram frequentar esses locais. Mais uma evidência de que não existem muitas opções para os heterossexuais.

### **Homens, Mulheres, Homossexuais, Lésbicas**

Sandnabba, Santtila e Nordling (1999) estudaram um total de 164 homens, metade homossexuais e metade heterossexuais, através de um questionário semi-estruturado contendo aspectos sociais, sexuais e psicológicos em membros de dois clubes com orientações sadomasoquistas na Finlândia. Os resultados mostraram que esses praticantes de sadomasoquismo são socialmente bem ajustados e que tal comportamento é apenas um aspecto facilitador de suas vidas sexuais, sendo que a maioria dos participantes mostrou-se flexível em relação aos papéis de dominante e submissivo. Entretanto, os sadistas eram mais jovens e mais ativos sexualmente do que os masoquistas.

Baumeister (1988), através de análises estatísticas de cartas anônimas enviadas para revistas com orientação sadomasoquistas, estudou as diferenças de gênero em relação ao papel masoquista. Os resultados mostram que os homens masoquistas excedem as mulheres nos quesitos como severidade da dor, humilhação em grupo, humilhação de baixo status, humilhação oral, infidelidade assistida do parceiro, participação ativa de uma terceira pessoa e travestismo.

O comportamento masoquista das mulheres supera o dos homens apenas em relação à frequência da dor, em punição com dor contextualizada a erros cometidos nas relações afetivas, em humilhação envolvendo exposição exibicionista, em intercurso genital com o parceiro e na não participação de espectadores. Segundo o autor, essas diferenças podem ser interpretadas como influência dos estereótipos sociais do que sejam comportamentos masculinos e femininos (BAUMEISTER, 1988). Tais estereótipos tornam-se pano de fundo, dando maior significado às condições e às representações binomiais de dominante e dominado.



Foto 13: mulher submissiva em uma sessão de relho.

Alison e colaboradores (2001) relatam que a humilhação foi significativamente associada mais às mulheres e aos homens com inclinações heterossexuais, enquanto a hipermasculinidade estava associada aos homens em geral e aos homens com inclinações homossexuais.

A existência de mulheres na subcultura sadomasoquista tem sido geralmente desconsiderada em termos teóricos, clínicos e empíricos na literatura vigente. Breslow, Evans e Langley (1985) foram os primeiros a estudar a prevalência e os papéis das mulheres nesse grupo. Através de duas publicações sadomasoquistas, além de questionários enviados a pontos de encontro de sadomasoquistas, os autores tiveram 182 respondidos, 130 homens e 52 mulheres, indicando uma presença significativa destas.



Foto 14: Folsom Fair Street/2001 (Cardoso, 2001).

Mais tarde, Levitt Moser e Jamison (1994) estudaram a prevalência e alguns atributos das mulheres na subcultura sadomasoquista. Considerando que mulheres não-prostitutas associadas ao sadomasoquismo são mais raras de serem encontradas, a referida pesquisa selecionou uma amostra de 45 mulheres sadomasoquistas, sendo que destas 34 não são prostitutas. Os autores concluíram que essas mulheres tornaram-se conscientes de suas inclinações eróticas ainda quando jovens e estão satisfeitas com tal condição.

Essas mulheres tendem a apresentar melhor nível de instrução e menor probabilidade de serem casadas. A maioria delas autodefiniu-se como heterossexuais, mas existe uma minoria de bissexuais. Elas tendem a preferir o papel submissivo, mas muitas também estão abertas para ambos os papéis ou até mesmo o papel de dominadora. As práticas favoritas são sexo oral e bandagem (LEVITT, MOSER & JAMISON, 1994). Breslow (2003) também constatou preferências sexuais similares por parte das mulheres, mas incluiu o espancamento como uma outra atividade também popular entre elas.



Foto 15: mulher dominante em uma interação heterossexual (Cardoso, 2001).

A maior contribuição científica sobre as questões relativas ao sadomasoquismo aparece somente a partir de 1999 com Norman Breslow. A autora analisou questionários enviados a todos os 50 estados norte-americanos, assim como ao Canadá, à Europa e à América do Sul, sendo que retornaram 855 questionários preenchidos por homens e 176 questionários preenchidos por mulheres. Entre as mulheres respondentes, 43 alegaram ser profissionais do sexo e 5 abstiveram-se de responder a essa pergunta. Em suma, 1 mulher para cada 5 homens fez parte dessa amostragem. Apesar de não ser uma pesquisa probabilística, algo quase impossível nessa área, a autora conseguiu ao longo de anos de pesquisa no assunto reunir uma das maiores amostragens até agora analisadas.

Breslow (2003) resumiu a análise de seus dados da seguinte forma: 1) quase todos os participantes são brancos; 2) diferentemente dos resultados de muitos autores (JANUS, BESS E SALTUS, 1977; SPENGLER, 1977; SCOTT, 1983), os participantes ocupam posições sociais extremamente variadas, desde executivos até operários e assistentes de serviços em geral, da classe popular, o que desmistificaria a preponderância de uma elite como praticantes de sadomasoquismo; 3) os respondentes têm bom nível de instrução (63% dos homens e 40% das mulheres afirmaram ter curso superior ou pós-graduação); 4) entre os respondentes, existe um número significativamente maior de bissexuais entre as mulheres do que entre os homens; 5) em geral, os homens descobrem a sua orientação sadomasoquista um pouco mais cedo do que as mulheres; 6) cerca de 54% das mulheres e apenas 8% dos homens foram introduzidos a essa prática por intermédio de seus parceiros sexuais, ao passo que 16% dos homens e 4% das mulheres afirmaram tê-la descoberto através do manuseio de pornografia; 7) cerca de 62% dos homens e 52% das mulheres alegaram que as práticas sadomasoquistas facilitam o orgasmo, enquanto apenas 9% dos homens e 17% das mulheres alegaram que o sadomasoquismo não têm influências sobre o seu orgasmo; 8) com relação aos papéis sexuais nas cenas sadomasoquistas, 30% dos homens e 32% das mulheres assumiram-se dominantes, 44% dos homens e 38% das mulheres assumiram-se versáteis e 26% dos homens e 33% das mulheres assumiram-se submissivos; 9) os homossexuais têm muito mais parceiros sexuais do que os heterossexuais e as mulheres bissexuais têm mais sessões com mais parceiros do que as heterossexuais.

Com o objetivo de testar uma possível relação entre o nível de desejo de exercer controle sobre o destino de suas vidas e os papéis sexuais assumidos nas cenas sadomasoquistas, Breslow (1987) utilizou uma escala sobre o “desejo de controle” (Desirability of Control Scale). Ainda que todos os integrantes tenham demonstrado um alto desejo de obter controle sobre si mesmos, independentemente de suas preferências por papéis sexuais nas práticas sadomasoquistas, a escala classificou os respondentes em três grupos básicos. Disso decorreram diferenças estatisticamente significativas: os dominantes têm um maior desejo de controle do que os versáteis, e os versáteis têm um maior desejo de controle do que os submissivos. Esses dados evidenciam que existem

três tipos básicos de papéis sexuais nas cenas sadomasoquistas, e não apenas um grande grupo de versáteis como se supunha anteriormente.

### **Considerações Finais**

As primeiras evidências das práticas sadomasoquistas advêm do século XVIII, período da Revolução Industrial, em que se estrutura o conceito de indivíduo e os moldes da burguesia. Mesmo reconhecido como um fenômeno social já no século XVIII, são poucas as tentativas científicas de entender o mundo sadomasoquista. Estamos muito distantes de ter uma percepção média típica do que são, de como se comportam e do que diferencia os adeptos dessa prática, se é que existem tais diferenças. Talvez melhor do que tentar produzir apenas uma descrição densa do sadomasoquismo seja testar cientificamente os tradicionais mitos e opiniões sobre essas práticas.

Alguns mitos – como o de que as mulheres não têm interesse por essas práticas, ou que a pornografia desperta interesses eróticos desse tipo, ou que os sadomasoquistas são parafilicos, ou ainda que os homens são dominantes e as mulheres submissivas – não se sustentam mais como um fato, pois muitas vezes negociamos ou nos sujeitamos às regras do jogo, mesmo que de forma não percebida, esperando por premiações ou recompensas afetivamente gratificantes.

A minha convivência, como sexólogo, com a comunidade e as organizações civis sadomasoquistas em São Francisco ensinou-me que essas práticas são representações cênicas exageradas de sentimentos cotidianos presentes em qualquer relação pessoal ou social. Os sadomasoquistas não têm vergonha de assumir que a dor, seja ela qual for, também tem uma função afrodisíaca, significativa e acolhedora quando dissolve de forma controlada as fronteiras do “self”. Esse fato sustenta as inferências tão polêmicas de Gregori (1992) e Grossi (1998) de que a violência doméstica pode assumir diferentes representações sociais. Por exemplo, a opressão e a subjugação da mulher por meio da agressão física ou simbólica de seus companheiros ou, em alguns casos, a violência como algo prazeroso e compensador em algumas situações conjugais de conflito. Na vida real, porém, em que as regras não estão claras e não existe a “palavra de segurança” que é

utilizada pelo masoquista para sinalizar o seu limite, a violência pode tomar caminhos indesejados.

Para concluir, sugere-se que a comunidade científica e clínica reveja os seus conceitos de natureza patológica sobre as práticas sadomasoquistas, passando a considerá-las também como um veículo saudável para relaxar os nossos mecanismos de defesa com o objetivo de neutralizar a nossa constante ânsia de controle sobre pessoas e situações. Quando se atinge essa liberdade sobre o dever de sempre ter controle sobre tudo, passa-se também a cultivar e promover essas novas formas de se explorar, conhecer e aceitar as porções mais sombrias da nossa personalidade humana.

### **Referências Bibliográficas**

- ALISON, L., SANTTILA, P., SANDNABBA, K., & NORDLING, N. (2001). Sadomasochistically oriented behavior: Diversity in practice and meaning. **Archives of Sexual Behavior**, 30 (1), 1-12.
- ARDAILLON, D. & DEBERT, G. (1987). **Quando a vítima é mulher**: Análise de julgamentos de crimes de estupro, espancamento e homicídio. Brasília: Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.
- AZEVEDO, M. A. (1985). **Mulheres espancadas**: A violência denunciada. São Paulo: Editora Cortez.
- BAUMEISTER, R. (1988). Masochism as escape from self. **Archives of Sexual Behavior**, 25(1), 28-59.
- BAUMEISTER, R. (1988). Gender differences in masochistic scripts. **Archives of Sexual Behavior**; 25 (4), 478-499.
- BENJAMIN, H. & MASTERS, R. E. L. (1965). **Prostitution and morality**. London: Souvenir Press.
- BESSE, S. 1989. Crimes passionais: A campanha contra assassinos de mulheres no Brasil: 1910/1940. **Revista Brasileira de História**; 1.9(18), 181-198.
- BOURDIEU, P. (1996). **Razões e práticas**: Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus.
- BRESLOW, N. (2003). **Norman Breslow's Achieves**. Acessado em 01 de junho de 2003. Disponível em: <<http://www.sexuality.org/l/nb/nbres.html>>
- BRESLOW, N. (1987). Locus of control, desirability of control, and sadomasochisms. **Psychological Reports**, 61, 995-1001.
- BRESLOW, N., EVANS, L., & LANGLEY, J. (1985). On the prevalence and roles of females in the sadomasochistic subculture: **Report of an empirical study**. *r*, 14(4), 303-317.
- BULLOUGH, V. (1976). **Sexual variance in society and history**. Chicago (IL): University of Chicago Press.
- CALIFIA, P. (1983). A secret side of lesbian sexuality. IN: WEINBERG T. & KAMEL L. (orgs.), **S and M: Studies in Sadomasochism** (pp.129-136). Buffalo: Prometheus.
- CHAUÍ, M. (1985). **Participando do debate sobre mulher e violência**. Perspectivas Antropológicas da Mulher, n.4. Rio de Janeiro: Editora Zahar.



- CORREA, M. (1981). **Os crimes da paixão**. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CORREA, M. (1999). **O sexo da dominação**. São Paulo: Novos Estudos (CEBRAP).
- DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS, 4<sup>th</sup> edition. (1994). American Psychiatric Association. Acessado em 10 de junho de 2003. Disponível em:  
 <<http://www.behavenet.com/capsules/disorders/sexmasochism.htm>>  
 <<http://www.behavenet.com/capsules/disorders/sexsadismTR.htm>>
- FONSECA, C. (1995). **A mulher valente: Gêneros e narrativas**. Horizontes Antropológicos, n. 1: gênero. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.
- FOUCAULT, M. (1985). **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal.
- FRANKLIN, D. (1987). The politics of masochism. **Psychology Today**, 21(1), 52-56.
- FREUD, S. (1983). **Sadism and masochism: Basic writing of Sigmund Freud**. New York: Modern Library; 1938. Reprint in Weinberg, T. & Kamel, L. (orgs.). S and M (pp30-32). Buffalo: Prometheus.
- FREUD, S. (1953). Three Essays on the Theory of Sexuality. Em Strachey, J. (org.), **The Complete Psychological Works of Freud**. London: Hogarth.
- FRIDAY, N. (1980). **Men in Love**. New York: Dell.
- GREGORI, M. F. (1992). **Cenas e queixas – Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS.
- GROSSI, M. (1998). Rimando amor e dor: Reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. IN: JOANA, P. & GROSSI, M. (orgs.), **Masculino, feminino, plural: Gênero na interdisciplinaridade** (pp. 293-313). Florianópolis: Editora Mulheres.
- HÉRITIER, F. (1989). **Incesto**. Enciclopédia Einaudi – Parentesco, volume 20. Lisboa: Imprensa Nacional.
- HAYDEN, D. (2003). **Psychological dimensions of masochistic surrender**. Acesso em 10 de junho de 2003. Disponível em:  
 <<http://www.sextreatment.com/psych.htm>>
- HULL, J., & YOUNG, R. (1983). Self-consciousness, self-esteem, and success-failure as determinants of alcohol consumption in male social drinkers. **Journal of Personality and Social Psychology**, 44 (6), 1097-1109.
- HULL, J. & YOUNG, R. (1981). A self-awareness model of the causes and effects of alcohol consumption. **Journal of Abnormal Psychology**, 90, 586-600.
- HULL, J., YOUNG, R., & JOURILES, E. (1986). Application of the self-awareness model of alcohol consumption: Predicting patterns of use and abuse. **Journal of Personality and Social Psychology**, 51(4): 790-796.
- JANUS, S., BESS, B., & SALTUS, C. (1977). **A Sexual Profile of Men in Power**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- JUNG, C. (1964). **Man and His Symbols**. New York: Doubleday and Company Inc.
- JUNG, E. (1981). **Animus and Anima**. Dallas: Spring Publication.
- KAMEL, L. (1983). **The leather carrier: On becoming a sadomasochist**. In: WEINBERG, T., & KAMEL, L. (orgs.), S and M: Studies in Sadomasochism (pp. 73-79). Buffalo: Prometheus.
- LEE, J. A. (1983). **The social organization of sexual risk**. In: WEINBERG, T., & KAMEL, L. (orgs.), S and M: Studies in Sadomasochism (pp.175-196). Buffalo: Prometheus.

- LEVITT, E., MOSER, C., & JAMISON, K. (1994). The prevalence and some attributes of females in the sadomasochism subculture: A second report. **Archives of Sexual Behavior**, 23(4), 465-473.
- LEWIN, K. K. (1980). **Sexuals Self-destruct**: Conscience of the West. Saint Louis: Green.
- LIEBLING, B. A., SEILER, M., & SHAVER, P. (1974). Self-awareness and cigarette smoking behavior. **Journal of Experimental Social Psychology**, 10, 325-332.
- LOPICCOLO, J. (1978). **Direct treatment of sexual dysfunction**. In: LOPICCOLO, J. & LOPICCOLO, L. (orgs.), *Handbook of sex therapy* (pp.1-18). New York: Plenum.
- MASTER, W. & JOHNSON, V. (1970). **Human sexual inadequacy**. Boston: Little, Brown & Co.
- MONEY, J. (1998). **Gay, straight, and in-between**: The sexology of erotic orientation. New York: Oxford University Press.
- PACHECO, C. (1995). **A violência à mulher**: Uma análise sócio-criminal. Relatório Final de Pesquisa – Departamento de Apoio a Pesquisa/CNPq, Florianópolis (SC), UFSC.
- REIK, T. (1941). **Masochism in Modern Man**. New York: Grove Press.
- SAMOIS. (1982). **Coming to power**. Boston: Alyson.
- SANDNABBA, K., SANTTILA, P., & NORDLING, N. (1999). Sexual behavior and social adaptation among sadomasochistically-oriented males. **The Journal of Sexual Research**, 36(3), 273-282.
- SCOTT, G. (1983). **Erotic power**: An exploration of dominance and submission. Secaucus: Citadel Press.
- SHAINNESS, N. (1984). **Sweet suffering**: Woman as victim. New York: Simon & Schuster.
- SIMANSKI, R. (1981). **The immoral landscape**: Female prostitution in Western societies. Toronto: Butterworth & Co.
- SPENGLER, A. (1997). Manifest sadomasochism of males: Results from an empirical study. **Achieves of Sexual Behavior**, 6, 441-456.
- STEKEL, W. (1953). **Sadism and masochism**: The psychology of hatred and cruelty (trad. Gutheil E.). New York: Liveright.
- STRATHERN, M. (1988). **The gender of the gift**: Problems with women and problems with society in Melanesia. Berkeley: University of California Press.
- TANNAHILL, R. (1980). **Sex in History**. New York: Stein and Day.
- TAYLOR, R. (1970). **Sex in History**. New York: Harper & Row.
- WEINBERG, T. & KAMEL, L. (1983). **S and M: Studies in sadomasochism**. Buffalo: Prometheus.
- WEINBERG, T. & FALK, G. (1983). **The social organization of sadism and masochism**. In: WEINBERG, T. & KAMEL, L. (orgs.), *S and M: Studies in Sadomasochism* (pp.149-161). Buffalo: Prometheus.
- WICKLUND, R. (1975). Discrepancy reduction or attempted distraction? A reply to Liebling, Seiler & Shaver. **Journal of Experimental Social Psychology**, 11, 78-81.

# REDUÇÃO DO DESEJO SEXUAL: TRÊS ENFOQUES PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRÁTICA CLÍNICA

*Daniela Aiello D'alkimin<sup>1</sup>*

## *REDUCTION IN SEXUAL DESIRE: THREE APPROACHES FOR A CRITICAL EVALUATION OF THE CLINICAL PRACTICE*

**Resumo:** Por ser, atualmente, um problema que acomete elevado número de pessoas, a diminuição do desejo sexual é um tema em evidência na prática clínica, nos estudos científicos e mesmo nas revistas e programas femininos. Discorrer sobre o desejo não é tarefa fácil, uma vez que as formas de abordagem deste assunto são inúmeras. A proposta, no presente artigo, é analisar três diferentes enfoques: orgânico, psicossocial e filosófico, a partir dos quais será possível uma reflexão crítica sobre as práticas clínicas relacionadas às disfunções do desejo. As avaliações aqui apresentadas não são segmentadas nem excludentes, mas apenas um princípio para abordagem de tão minucioso tema.

Dada a importância da investigação orgânica em caráter preliminar nos consultórios, o ponto de partida deste artigo também será sob esse enfoque.

**Palavras-chave:** Inapetência; libido; desejo hipoativo; disfunção sexual

**Abstract:** Considering that this is a problem that affects a large number of people, the reduction in sexual desire is a very important theme for the clinical practice, for scientific studies and even on magazines and feminine programs. It is not an easy task to describe sexual desire, considering that there are several approaches for this subject. The aim of the present article, is to analyze three different aspects: organic, psychosocial and philosophical, then it will be possible to make a critical evaluation about the clinical practices related to dysfunctions. The evaluations presented here are neither segmented nor excluding, but simply a principle for the approach of such a specific theme. Due to the importance of the organic investigations in the professionals offices, the starting point of this article will also focus on this.

**Keywords:** Loss of sexual desire, libido, hypoactive desire, sexual dysfunction

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Especialista em Sexualidade Humana pela FAMERP. Terapeuta Cognitiva; e-mail: daniyaiello@hotmail.com

## **Enfoque Orgânico**

São variadas as causas anatômicas, biológicas e fisiológicas que motivam as alterações no desejo sexual. Cavalcanti (1992) enumera algumas das principais: síndrome de Klinefelter, distrofia miotônica, anorquia congênita, síndrome de Turner masculina, síndrome de Kallmann, atrofia testicular, acromegalias, tumores suprarrenais feminilizantes, doença de Addison, hiper e hipotireoidismo, parkinsonismo, transtornos psíquicos em geral e depressão, dentre outras. Presentes quaisquer dessas anomalias ou doenças, a conduta do terapeuta deve ser dirigida ao tratamento da própria doença em conjunto com a inapetência sexual, não sendo possível, entretanto, desconsiderar os efeitos da primeira em relação à segunda.

Como é intimamente relacionado aos impulsos e aos instintos, o desejo é, também, fortemente influenciado pelos hormônios. A redução hormonal é freqüente causa do declínio libidinal. No homem, o desejo é determinado basicamente pela testosterona e a sua redução causa inapetência. Na mulher, existe, também, a ação do estrogênio, tornando-a “atrativa” ao parceiro, enquanto a testosterona transforma-a em “responsiva”. Assim, havendo a redução de ambos pode ocorrer a inapetência. Para os dois sexos, a falta de desejo também pode ser causada pelo aumento da prolactina e da progesterona (KAPLAN, 1999, p.44).

Cavalcanti (1992) desenvolveu o conceito de inapetência por eventualidade. Fez referência aos estados fisiológicos ou patológicos presentes momentaneamente na vida das pessoas, como o puerpério, o climatério, entre outros, responsáveis pela redução do desejo naquela determinada circunstância. Trata-se, aliás, de disfunção muito comum, uma vez que os indivíduos, ao longo da vida, apresentam enorme variação hormonal.

No mesmo sentido, os medicamentos relacionados a alterações hormonais ou de neurotransmissão podem causar inapetência, sendo mais comuns os antidepressivos e antihipertensivos (ZAMPIERI, 2003, p.33)

Sobre os neurotransmissores, a inapetência pode estar relacionada à ausência ou queda da dopamina e à não regulação da serotonina, que deve estar presente, mas não em demasia (ZAMPIERI, 2003, p.33).

Kaplan (1999) propõe o interessante conceito de que a inapetência é *a regulação disfuncional* da motivação sexual. Por este entendimento, o desejo seria um impulso normal de sobrevivência do indivíduo, que deve ser vivido e administrado, mas que, nos casos de inapetência, passa a estar desregulado, excessivamente reprimido. A autora faz um paralelo com outros apetites do indivíduo, os quais, com frequência, são, também, controlados de forma anormal, para mais ou para menos, como, por exemplo, a fome. Diz:

Mais uma vez, de acordo com este paradigma, os transtornos do desejo sexual e os transtornos alimentares são análogos, já que podem ser conceituados como resultantes de defeitos em importantes sistemas reguladores (KAPLAN, 1999, p.36) [...]

Ressalte-se, também, que as outras disfunções de natureza sexual podem contribuir para a inapetência, pois, para os indivíduos com quaisquer transtornos dessa espécie, o ato sexual deixa de ser uma experiência agradável e reforçadora, passando a não ser mais desejável; como exemplos, nos casos de dispareunia (dor), anorgasmia, vaginismo, disfunção erétil, etc. Daí a importância dessa investigação no diagnóstico.

Não se pode deixar de citar que o consumo de drogas tem intensa relação com alterações dos desejos, não sendo necessário, para isso, uma completa dependência química.

Para finalizar este enfoque orgânico, resta elencar a classificação proposta pelo DSM IV- TR para os transtornos do desejo:

- Transtorno do Desejo Hipoativo (F52.0): sua característica essencial é uma deficiência ou ausência de fantasias sexuais e desejo de ter atividade sexual.
- Transtorno de Aversão Sexual (F52.1): suas características são a aversão e a esquiva ativa do contato sexual genital com um parceiro sexual.

Ambos os transtornos podem, ainda, ser classificados como: ao longo da vida ou adquiridos; generalizados ou situacionais; devido a fatores psicológicos ou a fatores combinados (com uma condição médica geral ou induzidos por substância).

## **Enfoque Psicossocial**

Neste tópico, a ênfase incidirá sobre o indivíduo inserido em seu meio social. Sob esse prisma, as mais freqüentes causas da diminuição do desejo são: a repressão sexual; a educação sexual inadequada; os relacionamentos interpessoais inapropriados e a habituação. (VITIELLO, 1994, p. 137)

Quanto à repressão sexual, faz-se necessário certa retomada histórica. Valem os ensinamentos propostos por Chauí (1984) que evidencia a existência de momentos diferenciados: primeiro, uma repressão moral/religiosa, que impedia a prática sexual, exceto para fins de reprodução; após, com o advento da ciência, uma repressão científica, que procurou administrar as práticas sexuais alertando para os perigos à saúde e imprimindo classificações sobre condutas saudáveis X doentes, normais X anormais. Diz esta autora:

Se, no contexto moral, fala-se para que seja estabelecida a fronteira entre o lícito e o ilícito, e no contexto religioso para a demarcação dos limites entre o pecaminoso e o não pecaminoso, no contexto científico, onde parecem desaparecer os juízos de valor e as condenações, fala-se para que o sexo possa ser administrado. Pertence ao campo da saúde pública. Nessa perspectiva, teremos que admitir que a mudança não significou um avanço na liberação sexual ou uma diminuição da repressão, mas a passagem a outras formas repressivas que servem ao propósito da normalização. (CHAUÍ, 1984, p.18)

Mas estas não são as únicas formas de repressão existentes. Mais recentemente, impera também um outro tipo de repressão, intensamente relacionado com a organização socioeconômica, cujas prioridades são a produção, competição e consumo, massificando o indivíduo, suas condutas e padronizando suas ações, inclusive as sexuais. É a repressão do: *faça conforme se espera que você deva agir*. Exemplificando, ainda por Chauí (1984, p. 21): “o orgasmo passa, de um direito, a um dever, o dever de orgasmos”. Trataremos mais profundamente desta nova forma de repressão no enfoque filosófico.

A educação sexual, a qual se relaciona à repressão, também se constitui um elemento limitador do desejo. Primeiro, impeditiva da ação, pregava o sexo matrimonial com fins exclusivamente reprodutivos, após, sob a justificativa científica e médica, classificava o saudável e o não saudável, o normal e o anormal, amedrontando os

indivíduos ante a ação. Ainda hoje, os projetos de educação e orientação sexual apenas enfatizam as DSTs , Aids e contracepção, não abordando o sentido prazeroso e feliz do sexo, das opções sexuais e da vida afetiva.

Finalmente, as duas mais visíveis causas sociais de inapetência sexual serão abordadas: os relacionamentos inadequados e a habituação.

Casais inadequados com relacionamentos destrutivos geralmente apresentam queda ou extinção do desejo sexual aliados a todos os outros comprometimentos da vida conjugal e afetiva. Para estes casos, é recomendável a terapia de casal, uma vez que a terapia sexual abordaria apenas um dos fragmentados problemas.

Mas não é só, casais com relacionamentos de longa duração, mesmo com a afetividade preservada, também vivenciam esta crise. Tal evento é denominado, segundo Cavalcanti (1992, p.329), por habituação. Diz:

O apetite vai minguando, se diluindo no desgaste diário do contato permanente. O entusiasmo dos primeiros tempos vai sendo substituído por uma amizade cada vez mais assexuada.

Zampieri (2003, p.136) também relata tal fato: “um dos maiores paradoxos da vida erótica é que, apesar do desejo ansiar por satisfação, esta o refreia”.

Trata-se da ação do tempo sobre o amor, há muito tempo já foi identificada na literatura, como exemplo, no discurso do ano de 1643 do Padre Antonio Vieira (p.2):

[...] tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera. [...] Por isso sabiamente os antigos pintaram o amor menino, porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. [...] A razão natural de todas estas diferenças, é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhes os defeitos, enfastia-lhes o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com uso, quanto mais o amor?

Embora rudes e, em certa medida, tristes, as palavras acima e, sem juízo sobre sua veracidade, hoje, é fato incontestável a enorme demanda de casais com inapetência sexual, mesmo os que possuem a afetividade preservada.

Kaplan (1999), pesquisando mais detalhadamente sobre as causas psicossociais da redução do desejo, desenvolveu os conceitos de *comportamentos contra-sexuais* ou *defesas sexuais*, utilizados pelo indivíduo para evitar a exposição ao contato sexual. Como variantes destas, a autora cita: a) o *foco seletivo nos aspectos negativos do parceiro, com negação simultânea das qualidades positivas*; que são usados como esquivas ou justificativas para a inapetência; b) a *evitação ou bloqueio da estimulação erótica*, tanto física como psicológica, muitas vezes impedindo o toque; c) a *supressão da fantasia*; como forma de bloquear a estimulação; d) a *adoção de comportamentos não atraentes*, com o intuito de repelir o parceiro, dentre outros. (p. 118)

### **Enfoque Filosófico**

Neste tópico, busca-se analisar a redução do desejo a partir de uma perspectiva mais coletiva, menos focada no indivíduo. Trata-se, aliás, de uma reflexão sugerida por Marcuse (1968, p. 25):

[...] a perturbação particular reflete mais diretamente do que antes a perturbação do todo, e a cura dos distúrbios pessoais depende mais diretamente do que antes da cura de uma desordem geral.

Cabe esclarecer que, embora não correspondam exatamente às mesmas propriedades, os termos libido, desejo e impulso serão tomados por sinônimos, uma vez que o objetivo do presente artigo é simplificar o pensamento filosófico a fim de aproximá-lo da prática clínica e não, precisamente, aprofundá-lo.

Ao se falar em libido, há que se tomar como ponto de partida as idéias de Freud. Dentre todos os conceitos por ele elaborados, talvez os mais importantes para o estudo do desejo sejam: o **princípio de prazer** e o **princípio de realidade**.



De forma bastante resumida, pode-se dizer que o princípio de prazer é a busca incessante do id por satisfação. É postulado de Freud (1856-1939) que os indivíduos estão constantemente procurando a satisfação de suas pulsões (= princípio do prazer). Ocorre que, para viver em sociedade e construir uma civilização, o homem precisa administrar os seus instintos, controlar, reprimir, daí a concepção do princípio de realidade. Não seria possível a civilização sem a repressão, sendo, portanto, necessário adiar a satisfação em razão de um bem maior (=princípio da realidade), que é a segurança trazida pela civilização. Freud vê este controle como algo natural e essencial. A seguir, registra-se a explicação de Marcuse sobre o pensamento de Freud:

O princípio de realidade supera o princípio de prazer: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido. (MARCUSE, 1968, p.37)

Eis aqui, então, uma primeira reflexão filosófica sobre a repressão do desejo.

Marcuse, ao estudar estes conceitos desenvolvidos por Freud, traz duas outras idéias que também devem ser abordadas: a **mais-repressão** e o **princípio do desempenho**. Concorda que não se pode dispensar certa repressão para a construção da civilização, embora, segundo este autor, em nossa civilização, tenha ocorrido uma enorme extrapolação da repressão necessária; seria uma *além*, uma *mais* repressão. E, trata-se de um *além* que se justifica não mais para manter a civilização, mas sim para manter a dominação, a segmentação social. Esclarece: “esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de mais-repressão” (id, 1968, p.53)

O princípio de realidade, então, mostra-se como princípio de produção, de desempenho, na medida em que não quer manter apenas a civilização que beneficia e traz segurança ao homem, mas sim, a dominação. Afirma:

[...] o princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso [...] (MARCUSE., 1968, p.54).

[...] designamo-lo por princípio de desempenho a fim de darmos destaque ao fato de que, sob o seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes de seus membros [...] (id, 1968, p.58).

Com tudo isso, ocorreu uma redução **temporal** da satisfação da libido: apenas para os momentos de não desempenho do trabalho. Esta redução temporal foi, ainda, completada por uma redução **espacial**, chamada de dessexualização socialmente necessária do corpo ou de genitalização libidinal, que consiste na redução da sexualidade apenas à área genital. Decodifica-se, a partir das próprias palavras do autor: “a libido passa a concentrar-se numa parte do corpo, deixando o resto livre para ser usado como instrumento de trabalho” (id., 1968, p. 61).

Assim, para finalizar a análise de caráter filosófico, resta indagar de que forma esta repressão se apresenta nos dias de hoje. É a pior possível, porque não se trata de uma proibição impeditiva do agir, mas sim, uma repressão modeladora e padronizadora da ação. Há uma aparência de liberação, cuja repressão é ser controle. É uma forma de repressão dissimulada, que dificulta o enfrentamento: antes, diante da proibição da ação, o indivíduo optava por transgredir ou não, hoje, dada a liberação do agir, não há *aparente transgressão*, mas os sujeitos não se dão conta de que a ação só é permitida na forma padronizada como foi liberada e é incentivada, ou seja, relacionada à manutenção da dominação e ao consumo (Maia, 2005).

Resumindo, sobre a nova forma de repressão do desejo, Marcuse expõe: “No desenvolvimento “normal”, o indivíduo vive sua própria repressão livremente, como sua própria vida: **deseja o que se supõe que ele deva desejar**; [...]” (1968, p.59, grifos nossos).

Há que se ressaltar, aqui, que todos os aspectos analisados nos três enfoques anteriores merecem abordagem na terapia. Deve-se fazer o correto diagnóstico orgânico e, havendo necessidade, providências devem ser tomadas para o encaminhamento do problema identificado. Há que se vislumbrar a repressão, a educação sexual e o relacionamento do casal. O terapeuta deve, enfim, ter o cuidado de não restringir o tratamento a apenas um dos enfoques.

Concluída a análise dos itens expostos acima, proceder-se-á à investigação dos tratamentos atualmente propostos, para, em seguida, realizar uma reflexão crítica sobre a prática clínica.

No meio acadêmico e científico, na terapia sexual propriamente dita, o tratamento tem priorizado os aspectos físicos, psicológicos e sociais. Um correto e minucioso diagnóstico é imprescindível, uma vez que os transtornos do desejo possuem causas e intensidade variadas, devendo, por conseguinte, a terapia ser adaptada e diferenciada. Como exemplo, o enfoque terapêutico em um caso de aversão sexual grave não pode ser semelhante a um caso de simples acomodação de intensidade de desejo no casal.

Kaplan (1999), que possui uma proposta de trabalho bastante completa, ressalta como fator crítico do tratamento a avaliação dos *estimulantes* (fantasias, desejos, atrativos) e dos *supressores* libidinais para o indivíduo. Trata-se de ajudá-lo a identificar o que “liga” e o que “desliga” o seu desejo (p.101). Para melhor esclarecer e facilitar a análise diagnóstica, esta autora analisou a *regulação do desejo sexual* a partir da existência de EXCITANTES e SUPRESSORES libidinais, no seguinte quadro (p.34):

<b><i>EXCITANTES SEXUAIS</i></b>	<b><i>SUPRESSORES SEXUAIS</i></b>
<p><b>Excitantes fisiológicos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1- Testosterona</li> <li>2- Drogas Afrodisíacas</li> <li>3- Estimulação Física/Genital</li> </ol>	<p><b>Supressores fisiológicos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1- Transtornos hormonais</li> <li>2- Drogas com efeitos sexuais</li> <li>3- Depressão</li> </ol>
<p><b>Excitantes Psicológicos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Parceiro atraente</li> <li>2. Estimulação erótica</li> <li>3. Fantasia</li> <li>4. Amor</li> <li>5. Namoro</li> </ol>	<p><b>Inibidores Psicológicos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Parceiro não atraente</li> <li>2. Pensamentos negativos</li> <li>3. Antifantasias</li> <li>4. Emoções negativas</li> <li>5. Estresse e raiva</li> </ol>

Quanto aos exercícios propostos, geralmente estão relacionados às fantasias e ampliações de sensações.

São freqüentemente aplicados, como exercícios específicos:

1- treino e partilha de fantasias: incentivo à criação de fantasias eróticas e partilha destas com o parceiro;

2- materiais eróticos e pornografia: estímulo à utilização de recursos que facilitem o desejo, como, por exemplo, filmes, contos, ambientes não rotineiros, etc ;

3- focos sensoriais e banhoterapia (focagem de sensações): retomada da sensualidade e de descoberta de si e do outro: prescreve-se que o casal se toque, buscando estimular todas as partes do corpo do parceiro, atento à descoberta de novas sensações e a todos os sentidos (olfato, tato, audição, paladar e visão), sem a obrigatoriedade de desempenhos sexuais pré-estabelecidos. (CAVALCANTI, 1992, p. 337). Em geral, nestes exercícios, restringe-se a estimulação genital ou a penetração, visando ampliar as demais sensações e reduzir a ansiedade com o coito.

4- masturbação: forma de autoconhecimento corporal, redução da ansiedade e reversão dos comportamentos contra-sexuais (KAPLAN, 1999, p 106).

Finda a explanação sobre os tratamentos, passa-se à reflexão dialética entre estes enfoques:

#### **A) Sobre as “Receitas” propostas pela mídia:**

Ultrapassando o meio acadêmico e sem qualquer compromisso científico, são inúmeros os artigos de revistas femininas e livros de auto-ajuda que discutem *alternativas* para reaquecer o desejo na relação. O terapeuta deve ter especial atenção com o acesso do cliente a esses conteúdos, visto que os mesmos podem trazer como consequência crenças errôneas sobre a referida disfunção. Embutidos nesses artigos, que oferecem receitas prontas e padronizadas de atos e fantasias sexuais, muitas vezes encontram-se: a) preconceitos relacionados à beleza, classe econômico-social, gênero (masculino ou feminino) e orientação sexual; b) repressão do desempenho (embutindo o dever de se ter uma super vida sexual ativa e feliz, sugerindo-se que a mesma só depende do indivíduo); c) repressão do consumo (para a compra de revistas semanais de receitas sexuais, livros de auto-ajuda e, evidentemente, lingerie e produtos de sex-shops), dentre outros. Para ilustrar referidos conteúdos de repressão pela mídia, bastam simples análises de títulos e índices, como exemplos: **1º título:** “*Sexo para mulheres casadas*”, **índice:** feminilidade, a escolha da lingerie, o beijo, o sexo, orgasmo, fetiche e fantasias, uma visita ao sex-shop, pompoarismo (MOURA, 2004); **2º título:** “*Sexo no casamento: dez segredos para manter*

*viva a atração e o entusiasmo*”, **índice:** diversidade, aventura, generosidade, autenticidade, atenção, coragem, confiança e prazer absoluto (LISTER, 2006). É o que foi mencionado: imposição de conduta padronizada e incentivo ao consumo, sem qualquer preocupação com o indivíduo, suas particularidades, sua história de vida, seus anseios, suas pretensões, nada; leitores desavisados e mal instruídos correm o risco de tornarem-se atores de uma cena padrão, cujo texto não lhes pertence.

## **B) Sobre a terapia sexual:**

Não são objetivos do presente artigo refutar ou criticar as técnicas existentes, até porque, na maioria dos casos, apresentam excelentes resultados. Pretende-se, apenas, analisar suas funções, aprofundar a consciência de sua aplicação e oferecer, em complemento, uma nova abordagem filosófica, que consiste em uma escolha crítica do tratamento, estimulando a reflexão consciente do estilo de vida, crença, expectativa e prática do cliente, dentre outros aspectos.

Que são as técnicas de focagem de sensações senão uma tentativa de romper com a genitalização libidinal? Marcuse (1968) denunciou que, para que o corpo do indivíduo estivesse sempre disponível ao trabalho, a atividade sexual ficou focada exclusivamente no genital (= genitalização libidinal). E assim ocorreu. Hoje temos um padrão sexual extremamente focado nos órgãos genitais, sobrevivendo a técnica de focagem de sensações, na tentativa de romper com citada limitação espacial. Daí a importância desta técnica.

Que são as técnicas de treino/partilha de fantasias e uso de material erótico senão uma tentativa de libertar-se da mais repressão, do princípio da realidade, do desempenho? Com essas técnicas, busca-se dar vazão à libido completamente reprimida, ou seja, estimular a satisfação dos desejos. É como se, em algum momento, nossos desejos tivessem sido aniquilados e, a partir de agora, houvesse a necessidade de reaprender a desejar. Daí a importância da presente estratégia.

Mas, a aplicação das técnicas não deve ser aleatória, precipitada, ou padronizada. É fundamental que seja consciente e crítica, cautelosa para não ser mais um fragmento da mais repressão e do princípio do desempenho. Chauí (1984, p.21), ciente do perigo, outrora alertara: “os críticos consideram o sexólogo uma mescla de pedagogo e de programador de computador, médico higienista e uma nova figura de repressão sexual”.

Se a *mais repressão* apresenta-se sob a forma de permitir a ação, embora controlando-a e padronizando-a, o terapeuta deve estar sempre alerta para não reproduzir a mesma conduta: controle e padronização.

Atente-se para os perigos: estimular treinos de fantasias, mas, quais fantasias? As anunciadas pelas novelas, pela indústria cultural, ou pior, as vendidas a preços exorbitantes nos sexshops? Em que medida é salutar modelar uma fantasia?

Decisivamente, agir de forma consciente não é tarefa fácil. Sendo sujeitos inseridos nesta sociedade, frutos desta realidade, é possível aos terapeutas dela se distanciarem?

Em razão disso, cabe a esta categoria profissional, no mínimo, fazer uma reflexão crítica sobre sua atuação; no mínimo, pensar em uma terapia particularizada para cada indivíduo; no mínimo, não fazer das alternativas propostas um dever de conduta; no mínimo, dirigir um olhar sobre o indivíduo como um todo; no mínimo, estimular que ele reflita sua vida, sua realidade, suas crenças e sua felicidade. Enfim, deve preocupar-se em não ser, como alertou Chauí, mais um programador de conduta sexual.

### **Referências Bibliográficas**

- BALLONE, G.J. Desejo sexual. **PsiquWeb Psiquiatria Geral**, revisto em 2003. Disponível em: [www.psiqweb.med.br/sexo/desejo.html](http://www.psiqweb.med.br/sexo/desejo.html). Acesso em 15/02/2007.
- BRUNS, M.A.T.; SANTOS, C. **A educação sexual pede espaço**. São Paulo: Ômega, 2000.
- CARDOSO, M.C. (org); MAIA, A.F. **Humanidades em comunicação: um diálogo multidisciplinar**. São Paulo: Unesp/Faac/Bauru, 2005.
- CAVALCANTI, R; CAVALCANTI, M. **Tratamento Clínico das inadequações sexuais**. São Paulo: Roca, 1992.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DSM.IV**. Disponível em: [www.psiqweb.med.br/dsm/sexual.html](http://www.psiqweb.med.br/dsm/sexual.html). Acesso em 15/02/2007.
- FREUD, S. **O mal estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**: Imago, 1856-1939.
- KAPLAN, H.S. **Manual ilustrado de terapia sexual**. São Paulo: Manole, 1984.
- KAPLAN, H.S. **Transtornos do Desejo sexual**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LISTER, P. **Sexo no casamento: dez segredos para manter viva a atração**. São Paulo: Gente, 2006.
- MARCUSE, H. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MOURA, F. **Sexo para mulheres casadas**. São Paulo: Original, 2004.
- VIEIRA, A. **Sermão do mandato**, 1643. Disponível em: [www.cce.ufsc.br](http://www.cce.ufsc.br). Acesso em 15/02/2007.
- VITTIELLO, N. **Reprodução e sexualidade**. São Paulo: Ceich, 1994.
- ZAMPIERI, A.M.F. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade**. São Paulo: Ágora, 2003.

# RESENHA DE LIVRO

## RESENHA

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho; BARBOSA, Maria Paquelet Moreira. **Oficinas sobre Sexualidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2007.

**Ângela Maria Freire de Lima e Souza<sup>1</sup>**

A Educação Sexual sempre foi uma questão de grande interesse para educadoras e educadores nos diversos níveis de ensino, tendo em perspectiva a importância fundamental da sexualidade na construção das subjetividades e, portanto, na vida mesma de homens e mulheres. Nesse contexto, mas menos discutidas, as questões de gênero, ou seja, aquelas que dizem respeito às diferenças socialmente construídas entre os sexos e as conseqüências desta construção sobre as relações de poder na sociedade também se tornam fundamentais, na medida em que as mulheres têm demonstrado nas últimas décadas o quanto suas vidas são afetadas por discriminação e opressão, baseadas no seu sexo.

Desde o ano de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - definiram a Orientação Sexual como Tema Transversal. Mesmo que tenha construído um arcabouço teórico consistente no que diz respeito à Sexualidade Humana, educadores sempre enfrentam simples, mas relevantes questões: que práticas pedagógicas podem ser utilizadas em sala de aula para discutir temas ligados à sexualidade? No contexto de que disciplinas tais temas podem ser apresentados? Devem ser trazidas certas questões ou elas devem emergir no ambiente escolar? É nesse contexto que o livro **Oficinas sobre Sexualidade e Gênero** pode ser reconhecido como um instrumento imprescindível na construção de uma nova realidade em sala de aula, no que tange à Educação para a Sexualidade.

As autoras são profissionais reconhecidas pela seriedade e competência com que têm conduzido suas ações educativas ao longo de mais de vinte anos sobre temas da

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação – UFBA. Professora e pesquisadora do Instituto de Biologia, do Grupo de Estudos em Filosofia, Educação e Gênero – PPGE e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – Universidade Federal da Bahia.  
e-mail: <mailto:angelfls@ufba.br>



sexualidade humana. Professoras atuantes, em universidades ou no Ensino Médio, têm contribuído de forma marcante para formar docentes neste campo, seja em cursos de extensão e capacitação, seja sob a forma de consultorias, em que a sexualidade é discutida não apenas em sua dimensão biomédica, como é mais comum, mas abordada em seus aspectos mais subjetivos, como a análise das formas de violência sexual, os preconceitos quanto a diferentes orientações sexuais, as relações de poder entre os gêneros e no exercício da sexualidade, entre outros. A larga experiência de Tereza Cristina e Maria Paqueta se reflete em um livro agradável à leitura, consistente em conteúdo e muito prático para consultas e orientações, facilitando de modo significativo a vida de docentes dos diferentes níveis de ensino.

O livro está estruturado em duas seções: as Oficinas e os Textos Complementares. São 100 (cem) oficinas que abrangem desde situações mais simples, como o primeiro momento de interação de um grupo, até a discussão sobre relações assimétricas entre os gêneros, utilizando diversos recursos como filmes, textos, poesia, canções, etc. O texto é claro, preciso nas informações e principalmente conduz leitores e profissionais de educação ao percurso eficaz das oficinas: sensibilização, reflexão e posterior teorização, constituindo-se em importante estratégia de formação docente para atuação em Educação Sexual.

Na segunda parte do livro, as autoras trazem dois ensaios muito interessantes, em que se evidencia a intenção de abordar o tema sexualidade humana numa perspectiva de gênero, caracterizando-os como textos originais no contexto de estudos sobre sexualidade.

O livro se apresenta, portanto, como leitura obrigatória para as (os) profissionais que atuam na formação de educadoras e educadores; a sua importância não reside apenas no fato de ser um importante instrumento a ser utilizado estrategicamente em sala de aula com vistas à Educação Sexual, mas também por destacar a categoria gênero para estudos nesta área, evidenciando a riqueza de informações e de análise que esta perspectiva possibilita e apontando para novas possibilidades de construção de equidade social, especialmente quanto ao gênero.



**SBRASH Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana**

### **SÓCIOS ANTIGOS**

ATUALIZAÇÃO DE DADOS - Entrar no Portal [www.sbrash.org.br](http://www.sbrash.org.br) clicar em “SOCIOS” depois em “ATUALISE SUA SITUAÇÃO” preencher o formulário e enviar

### **NOVOS SÓCIOS**

Entrar no Portal [www.sbrash.org.br](http://www.sbrash.org.br) clicar em “FILIE-SE” preencher o formulário anexar documentos escaneados e enviar. A anuidade será cobrada oportunamente.

